



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

DÉBORA DE BRITO FREIRE

**ENTRE ESTIGMAS E RESISTÊNCIAS:
Uma análise das táticas empregadas pelos voluntários da Casa Aliança, situada no
bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI (1999-2019)**

**PICOS - PI
2023**

DÉBORA DE BRITO FREIRE

**ENTRE ESTIGMAS E RESISTÊNCIAS:
Uma análise das táticas empregadas pelos voluntários da Casa Aliança, situada no
bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI (1999-2019)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

F866e Freire, Débora de Brito

Entre estigmas e resistências : uma análise das táticas empregadas pelos voluntários da Casa Aliança, situada no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos – PI (1999 – 2019) [recurso eletrônico] / Débora de Brito Freire – 2023.

86 f.

1 Arquivo em PDF

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura em História, Picos, 2023.

“Orientador : Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos”

1. História e memória. 2. Parque de exposição – Picos - PI. 3. Casa Aliança. I. Santos, Raimundo Nonato Lima dos. II. Título.

CDD 901



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e sete (27) dias do mês de março de 2023, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **DÉBORA DE BRITO FREIRE** sob o título **ENTRE ESTIGMAS E RESISTÊNCIAS: Uma análise das táticas empregadas pelos voluntários da Casa Aliança, situada no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI (1999-2019)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

Examinador 1: Prof. Dr. Rafael Ricarte da Silva

Examinadora 2: Profa. Mestranda Nayara Gonçalves de Sousa

Deliberou pela **APROVAÇÃO** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **10,0**.

Picos (PI), 27 de março de 2023.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador (a) 1: Rafael Ricarte da Silva
Examinador (a) 2: Nayara Gonçalves de Sousa

Dedico este trabalho àquela que me ensinou a amar o trabalho com crianças: minha mãe, Lousanira de Brito Freire.

AGRADECIMENTOS

A palavra gratidão possui como um dos seus significados “reconhecimento”. Por isso, hoje sou grata e reconheço todos os que trilharam essa jornada comigo. Há um provérbio africano que diz: “Se você quiser ir rápido, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá acompanhado”. Ao longo dos últimos cinco anos, diversas foram as pessoas que me acompanharam e tornaram essa jornada um pouco menos árdua. Por esta razão, agradeço em primeiro lugar, a Deus, que é o autor e consumidor da minha fé. Sem Ele eu nada seria. Sempre digo por onde ando que Deus transformou a minha vida através do curso de História, me ensinando a ser uma pessoa e uma profissional melhor, mais humana e justa.

Conta-se uma história de que certo dia um sapateiro convertido perguntou a Martinho Lutero como poderia servir melhor a Deus. Lutero respondeu: “Faça um bom sapato e venda por um preço justo”. Hoje, é isso que desejo: ser uma excelente profissional por onde for, ensinando com integridade e equidade!

Agradeço ao meu pai João Pereira de Brito e, em especial, à minha mãe Lousanira de Brito Freire, que não mediu esforços para que eu pudesse concluir o curso de História com êxito. À minha irmã Joquebede de Brito Freire Ribeiro e ao meu cunhado, Francisco Lucas Ribeiro Neto, dedico a minha gratidão pelas diversas palavras de ânimo, apoio e estímulo.

Aos meus avós Nair Gomes de Brito Freire e Ezequias de Brito Freire e, também, aos meus tios Neurivan de Brito Freire e Joilane Alves Freire, e demais familiares, pelo apoio e cuidado ao longo dessa jornada. Agradeço de maneira especial meu tio Cilas de Brito Freire pelo auxílio incondicional desde o início ao final do curso, sem o qual seria muito mais difícil concluir essa graduação.

Aos meus companheiros dessa caminhada Maria Edwirges de Jesus Sá, José Clecionarton Teixeira, Nádia da Conceição Bezerra e Maria Manuela de Sousa Rocha, muito obrigada pelo carinho, cuidado, conselhos e por me suportarem durante a escrita do TCC. Agradeço também a Kátia de Araújo Silva e Emerson Evandro da Silva por serem presentes de Deus na minha vida e se fazerem presentes nos momentos em que eu mais precisei, me ouvindo e auxiliando sempre ao longo dessa trajetória acadêmica. Não poderia deixar de agradecer a Luana Moura Santos, Tarcísio Neslen Evêncio Sousa Luz, Josuer Pedrosa Pereira, Diego Henrique Silva Nunes Vieira, Leneilson Sousa Silva, Welligton Costa Borges, Iago Tallys Silva Luz, Marcos Freitas Dias e Carlos Vinicius Tavares Nunes, por se fazerem presentes na minha vida e trilharem essa jornada ao meu lado. Certamente, conviver com cada um de vocês fez toda a diferença!

Ao professor Dr. Rafael Ricarte da Silva agradeço por todos os ensinamentos e aprendizados durante o Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e a disciplina de História Indígena. À professora Olívia Candeia Lima Rocha que ministrou a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em História e me orientou na construção do projeto que culminou no presente trabalho, agradeço por me instruir de maneira clara e pelos diversos ensinamentos acadêmicos, pessoais e profissionais. Ao professor Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito muito obrigada por me ensinar a enxergar a historiografia pelo prisma da História Cultural, e por significar tantos aprendizados que tivemos ao longo da caminhada. Aos demais professores de História da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, deixo-vos o meu muito obrigada!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que executa o Programa de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID e a Residência Pedagógica-RP, os quais me permitiram contato com a docência desde o início da graduação, contribuindo para a minha formação docente, ampliação de conhecimentos e permanência no curso de História.

Ao Núcleo de Assistência Estudantil (NAE) e a todos os profissionais que fazem parte dele, muito obrigada por todo apoio prestado durante a graduação.

À coordenadora da Casa Aliança Marilene de Sousa Albuquerque agradeço a confiança e paciência durante o processo de escrita deste trabalho. Deixo também a minha gratidão a cada um dos entrevistados, sem os quais este trabalho não seria possível. Agradeço também a oportunidade de ter conhecido de perto a Casa Aliança, os voluntários e as crianças que me trouxeram tantas vivências e aprendizados.

Ao meu querido professor e orientador Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos dedico a minha gratidão pela paciência e cuidado durante todos esses anos. Muito obrigada por acreditar em mim quando eu duvidei, pelo incentivo, apoio, carinho e, também, pelos necessários puxões de orelha ao longo da jornada. Obrigada por ser esse profissional que cativa e inspira os alunos e, também, por me ensinar de maneira prática a amar à docência. Cada desafio colocado à minha frente se tornou uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, como a Residência Pedagógica, as escritas das crônicas, dentre tantas outras atividades. O presente trabalho não é resultado apenas dos meus esforços para concluir esta graduação, mas é fruto de um trabalho em conjunto entre mestre e aprendiz. Por isso e por tantas outras coisas, muito obrigada!

Por fim, gostaria de agradecer a todos que direta ou indiretamente me incentivaram e me ajudaram a realizar esse sonho!

“Se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante”.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho analisa as *táticas* empregadas pelos voluntários da Casa Aliança no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI, nos anos de 1999 a 2019, e a sua utilização como forma de resistência e desconstrução dos discursos estigmatizantes de pobreza e violência que envolvem a comunidade desde a sua formação. Objetivamos também apontar as contribuições da entidade filantrópica para o bairro em que se encontra por meio da análise das entrevistas e discutir a importância dela para o desenvolvimento das relações sociais. A pesquisa se fundamentou em fontes variadas, tais como relatos orais, fotografias, vídeos e jornais digitais. Para tanto, nos embasamos teoricamente em autores como Raquel Rolnik (1995), Ana Fani Alessandri Carlos (2007) e Marc Augé (2012) para discorrermos sobre a Casa Aliança enquanto um espaço de sociabilidades e um lugar antropológico. Para tratarmos dos estigmas de pobreza e violência atribuídos ao referido bairro e analisarmos as falas dos entrevistados. No tocante a isso, utilizaremos os aportes teóricos de Durval Muniz Albuquerque Júnior (2007) e Erving Goffman (1998), e os estudos bibliográficos da autora Mariana Floracir de Moura (2016) e de Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007). Ademais, empregaremos o conceito de *táticas* do historiador, filólogo e jesuíta Michel de Certeau (2014) para dissertarmos sobre a subversão da ordem social historicamente imposta, através do emprego de *táticas* pelos voluntários da Casa Aliança e a sua utilização como forma de resistência e desconstrução dos estigmas de pobreza e violência. O trabalho aponta a Casa Aliança como um espaço socioeducativo, esportivo, cultural e que fomenta as relações sociais. Ademais, o emprego de *táticas pelos voluntários* da instituição filantrópica e a sua utilização como forma de resistência e desconstrução dos discursos estigmatizantes de pobreza e violência que envolvem a comunidade do bairro Parque de Exposição desde a sua formação, tem possibilitado aos ex-beneficiários transgredirem aquilo que lhes parecia ser um futuro predeterminado tanto pela subalternidade como pelos estigmas, levando-os a adentrar em espaços nunca imaginados como, por exemplo, as universidades e o mercado de trabalho.

Palavras-chave: História e Memória. Bairro Parque de Exposição. Casa Aliança. Picos-PI.

ABSTRACT

The present work analyzes the tactics employed by Casa Aliança volunteers in the Parque de Expo neighborhood, in the city of Picos-PI, from 1999 to 2019, and their use as a form of resistance and deconstruction of the stigmatizing discourses of poverty and violence that involve the community since its formation. We also aim to point out the contributions of the philanthropic entity to the neighborhood in which it is located through the analysis of the interviews and discuss its importance for the development of social relations. The research was based on varied sources, such as oral reports, photographs, videos and digital newspapers. To do so, we theoretically based ourselves on authors such as Raquel Rolnik (1995), Ana Fani Alessandri Carlos (2007) and Marc Augé (2012) to discuss Casa Aliança as a space for sociability and an anthropological place. To deal with the stigmas of poverty and violence attributed to that neighborhood and analyze the interviewees' speeches. In this regard, we will use the theoretical contributions of Durval Muniz Albuquerque Júnior (2007) and Erving Goffman (1998), and the bibliographic studies of the author Mariana Floracir de Moura (2016) and Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007). In addition, we will use the concept of tactics by the historian, philologist and Jesuit Michel de Certeau (2014) to discuss the subversion of the historically imposed social order, through the use of tactics by Casa Aliança volunteers and their use as a form of resistance and deconstruction of the stigmas of poverty and violence. The work points to Casa Aliança as a socio-educational, sporting, cultural space that fosters social relations. In addition, the use of tactics by the volunteers of the philanthropic institution and their use as a form of resistance and deconstruction of the stigmatizing discourses of poverty and violence that have involved the community of the Parque de Expo since its formation, has enabled former beneficiaries to transgress what which seemed to them to be a predetermined future both by subalternity and by stigmas, leading them to enter spaces never imagined, such as, for example, universities and the labor market.

Keywords: History and Memory. Exhibition Park Neighborhood. Alliance House. Picos-PI.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPROSP: Centro Profissional

CSNHB: Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

ESA: Escola de Sargentos das Armas

IFPI: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí

ONG: Organização Não Governamental

PI: Piauí

SENAC: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESC: Serviço Social do Comércio

SEST SENAT: Serviço Social do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte

UAPI: Universidade Aberta do Piauí

UESPI: Universidade Estadual do Piauí

UFPI: Universidade Federal do Piauí

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Missionária italiana Daniela Marchi e pároco italiano Mauro Bianchi, em fotograma do “Documentário - História e atividades desenvolvidas pelo Projeto Casa Aliança, sediado em Picos-PI”.....	29
Figura 2: Fachada da Casa Aliança em processo de construção, em meados de 2003.	32
Figura 3: Fachada da Casa Aliança após alguns acabamentos, por volta de 2003.	32
Figura 4: Confeção de sabão com as mães da comunidade, antes do início das atividades da Casa Aliança, em meados de 2001.	33
Figura 5: Coordenadora Marilene e a voluntária Marciana no início das atividades da Casa Aliança, em meados de 2003.....	35
Figura 6: Entrevistada Isabel Santos ministrando aulas de violão na Casa Aliança, em 19 de agosto de 2019.....	37
Figura 7: Entrevistada Luh Moura e outros voluntários apresentando a peça “Casimira Quietinha”, no Teatro Aliança, em 31 de outubro de 2018.....	38
Figura 8: Entrevistado Anderson James ministrando aulas esportivas com as crianças da Casa Aliança na quadra da Unidade Escolar Maria Gil Medeiros, em 1 de setembro de 2018.	38
Figura 9: Praça Vereador Antônio de Lúcio, no bairro Parque de Exposição, em 3 de agosto de 2022.	43
Figura 10: Rua sem pavimentação e com esgoto a céu aberto no bairro Parque de Exposição, em 3 de dezembro de 2014.....	43
Figura 11: Primeira turma a usar a sede da Casa Aliança em meados de 2003.	52
Figura 12: Aula de informática da primeira turma da Casa Aliança, em meados de 2003, quando havia apenas dois computadores.....	52
Figura 13: Doação de frutas fornecidas pelo Programa Mesa Brasil para serem distribuídas entre as famílias, em 15 de abril de 2020.	56
Figura 14: Doação de alimentos fornecidos pelo Programa Mesa Brasil para serem distribuídos entre as famílias, em 22 de julho de 2021.	56
Figura 15: Fachada da Casa Aliança em 2018.	67
Figura 16: Fachada da Casa Aliança após a reforma, em 2019.	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Renda média mensal dos moradores da cidade de Picos-PI.	46
Tabela 2 – Lista dos egressos da Casa Aliança e situação atual.....	74

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	A CASA ALIANÇA	27
2.1	Historicização da atuação da Casa Aliança	27
2.2	Entre estigmas e fronteiras.....	42
3	AÇÕES QUE CONSTROEM HISTÓRIAS E TRANSFORMAM VIDAS	51
3.1	Desenvolvendo a cidadania através da educação.....	51
3.2	Um “lugar” para chamar de meu: construindo alianças em meio às sociabilidades e vivências da Casa Aliança	64
3.3	Subvertendo a ordem e encontrando possibilidades em meio aos desafios.....	68
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
	REFERÊNCIAS	80

1 INTRODUÇÃO

Segundo o historiador francês Marc Bloch (2001) a História pode ser definida como o estudo da ação humana no tempo. Diante disso, a cidade é um ambiente repleto de historicidade, onde são construídas sociabilidades por meio da aglomeração humana e dos diferentes usos do espaço urbano. Assim como a cidade, os bairros e os espaços de sociabilidades neles presentes estão repletos de historicidade, preservando memórias, lembranças e experiências.

O presente trabalho tem por objetivo analisar as *táticas*¹ empregadas pelos voluntários da Casa Aliança, uma instituição filantrópica que funcionou (continua até o momento dessa escrita) no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI, nos anos de 1999 a 2019, e a sua utilização como forma de resistência e desconstrução dos discursos estigmatizantes de pobreza e violência envolvendo a referida comunidade desde a sua formação.

Neste trabalho, optamos por seguir o caminho da Nova História Cultural que nos permite o diálogo entre História e Memória, além de ampliar as possibilidades do uso de fontes no transcorrer da pesquisa, evidenciando as pessoas comuns e o modo como significam suas experiências de vida (BURKE, 2005).

Partindo desse pressuposto, o interesse por esse estudo surgiu através do contato com o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a temática de cidades da historiadora Mariana Floracir de Moura (2016) intitulado como “*Marginalidade construída: a formação e estigmatização do bairro Parque de Exposição na cidade de Picos de 1980 a 2010*”, no qual a autora fez uma análise sobre a produção e divulgação dos estigmas de pobreza e violência que pairam sobre o bairro Parque de Exposição e ganharam legitimidade no imaginário da população picoense.

O contato com o trabalho citado se deu no decorrer do estudo e apresentação de um seminário na disciplina optativa de Tópicos de História do Piauí, no curso de História da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, sob a orientação do professor Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos. Ao longo de sua escrita, Mariana Floracir de Moura (2016) revisita alguns lugares de vivências dos moradores do bairro Parque de Exposição pouco conhecidos na cidade de Picos, no estado do Piauí. Dentre eles, a autora pontua e traz alguns aspectos sobre a relevância da Casa Aliança para os moradores do bairro

¹ Este é um conceito do historiador Michel de Certeau (2014). Para ele, *táticas* são práticas cotidianas em que os usuários reapropriam-se do espaço organizado por meio de técnicas de produção sociocultural, de modo que conseguem fortificar ao máximo a posição do mais fraco ao modificar o espaço sem deixá-lo. Ademais, salientamos que este conceito será aprofundado mais adiante.

Parque de Exposição, que, de certa forma, contribuem para desconstruir os estigmas de pobreza e violência desta parte da cidade de Picos-PI.

Nessa conjuntura, tanto a leitura da obra como pesquisas feitas em sites da internet e a realização de uma entrevista com a ex-beneficiária e ex-voluntária do projeto Isabel Santos, durante a organização e realização do referido seminário, trouxeram-me à memória vivências da infância que dialogam com a visão da Casa Aliança.

Durante a infância, entre os anos 2002 a 2012, tive a oportunidade de conhecer, na cidade de Timon-MA, uma senhora chamada Odília Matias da Silva (*in memoriam*) que passava o ano inteiro mobilizando a comunidade local para adquirir brinquedos – para infantes carentes do bairro Boa Vista, no qual residia – com o intuito de realizar uma festa no dia 12 de outubro, em comemoração ao Dia da Criança. A ação realizada todos os anos foi deixada como legado para a sua filha Olga Matias Marques Cavalcante, a qual continua residindo no mesmo bairro e fazendo este trabalho até a atualidade.

Nesse período, a minha mãe Lousanira de Brito Freire atuava como professora das crianças na Igreja Batista Boa Vista – presente no bairro supracitado – a qual frequentávamos e onde conhecemos Odília Silva (*in memoriam*) e Olga Cavalcante, assim como o trabalho social que realizavam. A partir de então, minha mãe sempre se dispunha a auxiliar nessas atividades e me ensinava a importância do trabalho com crianças.

A partir dessa festa, tanto as crianças como os pais passam a ser assistidos em maior ou menor grau por ela e sua família, por todos os voluntários envolvidos e pela instituição religiosa do bairro. Na época em questão, o bairro era carente e possuía estigmas de pobreza atrelado à violência. Por menor que pareça, essa atitude trouxe muitos impactos sociais para o bairro, pois através dos conselhos, orientações e auxílios que eram oferecidos muitas dessas crianças cresceram, se formaram, se tornaram reconhecidas profissionalmente e, a partir de suas histórias, passaram a trazer reconhecimento ao bairro e ao trabalho realizado por Olga Cavalcante.

Essas significações oriundas do contato com as reflexões teóricas no campo da história, memória e cidades da historiadora Mariana Floracir de Moura (2016), juntamente com minha experiência pessoal com trabalho voluntário no município de Timon-MA, me levaram a perceber a importância social da Casa Aliança para a cidade de Picos-PI e a necessidade de estudar esse espaço.

O recorte temporal (anos 1999 a 2019) se justifica pelo fato de que por volta do ano de 1998 os missionários italianos padre Mauro Bianchi e a missionária Daniela Marchi fundaram, na cidade de Picos-PI, no bairro Parque de Exposição, a *Associação de Desenvolvimento*

Comunitário Construindo Alianças visando criar vários projetos para atender às famílias desta parte da urbe que se encontravam em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Dentre esses projetos, a Creche Aliança foi criada no ano de 1999 e, em 2003, a Casa Aliança foi fundada para dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos por ela. No ano de 2017, a instituição filantrópica foi apoiada pelo programa Criança Esperança, da Rede Globo de Televisão, em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, e isso proporcionou diversas mudanças nos anos subsequentes.

O recorte temporal da pesquisa corresponde ao início do funcionamento do projeto social Casa Aliança, em 1999, tendo em vista que ele inicia no referido ano com a Creche Aliança, e segue com a continuidade dos trabalhos no ano de 2003 com a Casa Aliança, a qual permanece no bairro até os dias atuais.

A Casa Aliança é uma instituição sem fins lucrativos que funciona através do auxílio de voluntários, apadrinhamento e parcerias. Ao longo dos seus dezenove anos de funcionamento tem beneficiado inúmeras crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica por meio de atividades educativas como: reforço escolar, aula de informática, oficinas de teatro, arte, música, etc. As atividades alcançam também as famílias do público infantojuvenil via oficinas.

Por meio dos aprendizados oferecidos pela Casa Aliança, muitos beneficiários conseguem adentrar na universidade e passam a ser reconhecidos profissionalmente, desvencilhando-se do estigma de pobreza e violência (MOURA, 2016) que lhes assolava, de modo que muitos retornam como voluntários da instituição.

O fim do recorte temporal justifica-se em decorrência do início da pandemia de COVID-19, a qual se deu entre o final do ano de 2019 e início de 2020. Essa crise de saúde alterou o funcionamento da Casa Aliança em decorrência não só das questões sanitárias, presentes em todo o país e no mundo, que levaram ao isolamento social, mas como também pela falta de infraestrutura e recursos financeiros necessários para lidar com a pandemia antes do surgimento da vacina.

Assim, este estudo tem como aspiração principal analisar as táticas empregadas pelos voluntários da Casa Aliança no bairro Parque de Exposição, na cidade dos Picos-PI, nos anos de 1999 a 2019, e a sua utilização como forma de resistência e desconstrução dos discursos estigmatizantes de pobreza e violência envolvendo a referida comunidade desde a sua formação. Em vista disso, o problema de pesquisa e as demais questões que norteiam este estudo são: a) Que táticas utilizadas pelos voluntários da Casa Aliança contribuíram para a desconstrução do estigma de pobreza atrelado à violência, no bairro Parque de Exposição? b)

Como surgiu a Casa Aliança e com qual objetivo foi fundada?; c) Quais foram os idealizadores da Casa Aliança e por quais motivos foram escolhidos para realizar o trabalho na cidade de Picos-PI?; d) Que serviços a Casa Aliança presta para a comunidade?; e) Qual a importância social da Casa Aliança?; f) Quais as contribuições da Casa Aliança para o bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI?; e g) Qual a importância da Casa Aliança para o desenvolvimento de sociabilidades entre beneficiários, familiares e voluntários?.

Para responder a esses questionamentos fizemos uso da análise de fontes históricas e de leituras bibliográficas. Entre as que utilizamos, destacam-se: relatos orais, fotografias, vídeos e jornais digitais. Essas fontes foram coletadas no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI, em sites da internet, tanto os que possuem matérias jornalísticas sobre a instituição como as redes sociais da Casa Aliança, dentre outros.

Com isso, utilizamos a técnica e metodologia da História Oral, com a entrevista de tipo temática, a qual tem característica de depoimento e não almeja, necessariamente, abranger a vida do entrevistado em sua totalidade. Desse modo, podemos obter uma maior quantidade de informações por meio da comparação de diversos relatos orais, buscando aquilo que diverge e converge na formação de uma memória coletiva.

Recorremos às reflexões de Sônia Maria de Freitas (2002) e Ecléa Bosi (2003) para discutir as representações da memória sobre nosso objeto de estudo. Essas autoras põem a história contemporânea em evidência porque abordam uma história recente, tendo em vista que os entrevistados versam sobre os acontecimentos de sua época.

Nessa conjuntura, utilizamos como aporte os relatos orais de ex-beneficiários, voluntários e ex-voluntários para tentar compreender como se desenvolveu as relações entre os serviços prestados para a comunidade e a importância social do projeto. Além disso, empregamos em nossa análise histórica as fotografias e vídeos da instituição presentes tanto em matérias jornalísticas virtuais como nas redes sociais² da Casa Aliança.

Empregamos o uso de celular para realizar as gravações dos áudios dos entrevistados, que foram transcritos posteriormente. Ao longo da pesquisa foram entrevistadas seis pessoas, as quais serão identificados neste trabalho pelos nomes e codinomes que preferiram. Dentre eles, destacamos: Marilene de Sousa Albuquerque (Marilene), que é coordenadora e orientadora

² A Casa Aliança possui um vasto material de divulgação em suas redes sociais como Instagram, com a conta [casaaliancapi](https://www.instagram.com/casaaliancapi/) (<https://www.instagram.com/casaaliancapi/>), Facebook com o usuário [@CasaAliancadePicos](https://www.facebook.com/casaaliancapi/) (<https://www.facebook.com/casaaliancapi/>), canal do YouTube [@casaalianca9303](https://www.youtube.com/@casaalianca9303) (<https://www.youtube.com/@casaalianca9303>) e site com o domínio “Casa Aliança” (<https://casaalianca.org.br/>). Destacamos ainda que utilizamos as informações encontradas nesses espaços virtuais para confirmação de informações presentes nas entrevistas, bem como a aquisição de fotografias e vídeos, os quais são utilizados ao longo deste trabalho.

social da Casa Aliança; Maria Isabel dos Santos Sousa (Isabel Santos), que é ex-beneficiária, ex-voluntária e atualmente é madrinha do projeto; Luana da Conceição Moura (Luh Moura) e Pedro³, que são ex-beneficiários e ex-voluntários da instituição; Anderson James de Moura Leal (Anderson James), que é ex-beneficiário e atual voluntário na área do esporte; e Geisa Vitória Brito Olímpio⁴, que foi voluntária durante uma parceria da Casa Aliança com o grupo teatral *Tempus* da UFPI-CSHNB.

Por conta de questões relacionadas a jornada de trabalho dos entrevistados e devido à solicitação destes, salientamos que nem todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, de maneira que o relato oral de Isabel Santos ocorreu virtualmente de modo síncrono via *Zoom Meeting*; o relato oral de Geisa Vitória Brito Olímpio foi realizado via *WhatsApp*; e a entrevista de Pedro se deu de maneira assíncrona por meio do envio de perguntas e respostas, via correio eletrônico, com uso da plataforma *Gmail*.

Ao analisar as *táticas* empregadas pelos voluntários da Casa Aliança no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI, nos anos de 1999 a 2019, e a sua utilização como forma de resistência e desconstrução dos discursos estigmatizantes de pobreza e violência envolvendo a referida comunidade desde a sua formação, construímos nossa pesquisa a partir do diálogo com diversos autores das áreas de história, memória e movimentos sociais, além das subáreas de história e cidade, história oral, história e representação, história e imagens.

No tocante às concepções de cidade, nos embasamos teoricamente na arquiteta e urbanista Raquel Rolnik (1995), que define cidade como um espaço de sociabilidades que funciona como um ímã, atraindo e reunindo pessoas. Assim como a cidade, os bairros e os espaços que a ele pertencem estão repletos de historicidade e sociabilidades. A Casa Aliança é um desses espaços, onde há aglomeração de pessoas, construção de sociabilidades e vivências, estabelecimento de memórias e subversão da ordem.

Embora o recorte espacial da nossa pesquisa seja a Casa Aliança, nenhuma instituição está completamente isolada, pois segundo Lobato Corrêa (1989) os espaços se articulam e se justapõem entre si. Desse modo, se faz necessário analisá-la a partir do contexto histórico e local na urbe à qual pertence.

Assim, é importante salientar que a Casa Aliança está situada no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos, no estado do Piauí. A urbe de Picos pertence à região Centro-Sul do estado do Piauí e está a 316 quilômetros da capital Teresina. Conforme o Censo

³ Informo que “Pedro” é um nome fictício, pois o entrevistado não autorizou a revelação de seu nome completo e nem de codinomes.

⁴ A entrevistada não desejou a utilização de codinomes, preferindo ser identificada por seu nome completo.

Demográfico do IBGE, a cidade de Picos possuía em 2010 uma população de 73.414 habitantes e agora em 2021 teve uma estimativa de 78.627 habitantes distribuídos em uma área territorial de 577.284 km².

A constituição da urbe de Picos se assemelha a algumas das cidades do Piauí que se deram pela expansão da pecuária e consequentes oportunidades de comércio. Conforme o Censo do IBGE de 2010, a localidade foi elevada a freguesia e seu território foi desmembrado de Oeiras em 1851, sendo elevada à categoria de vila em 1855. Cinco anos depois, em 12 de dezembro de 1890, se tornou uma cidade. Picos é atualmente o município mais desenvolvido economicamente da região Centro-Sul do Piauí, sendo conhecido como "Capital do Mel" por ser uma das cidades que mais produz mel no país⁵, e possui a quarta maior economia estadual em termos de PIB⁶, sendo uma das regiões mais desenvolvidas do interior do estado.

No contexto do bairro Parque de Exposição, analisamos como a Casa Aliança pode se tornar um *lugar* a depender das apropriações feitas acerca deste espaço. Para a geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos (2007), é possível estabelecer diferentes apropriações dos espaços da cidade enquanto se interage com o meio. Com isso, um local pode se caracterizar como um *lugar* ao se estabelecer vivências, relações de afetividade e sociabilidade.

Em consonância com Ana Fani Alessandri Carlos (2007) podemos ainda refletir sobre os *lugares* na perspectiva do etnógrafo e antropólogo Marc Augé (2012). Para o autor, o *lugar* está relacionado com o *lugar antropológico* porque ali há historicidade ao se construir memórias, símbolos e compartilhar vivências com o grupo.

Diante disso, tanto as contribuições teóricas de Ana Fani Alessandri Carlos (2007) como de Marc Augé (2012) nortearam algumas perguntas feitas no ato das entrevistas orais, pois a Casa Aliança se torna um *lugar* e um *lugar antropológico* à medida que os beneficiários, familiares e voluntários estabelecem e compartilham vivências e memórias com o grupo.

Nessa conjuntura, a análise das fontes imagéticas está teoricamente embasada nas discussões teóricas do fotógrafo e historiador Boris Kossoy (2005), o qual aponta que a fotografia permite a *(re) apresentação* de pessoas e objetos, propiciando a perpetuação da memória de longa duração e impossibilita a sua compreensão de modo independente do “*processo de construção da representação em que foi gerado*” (KOSSOY, 2005, p. 41).

⁵ PICOS se tornou um dos maiores produtores de mel do Brasil. TV Clube, G1 Piauí. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/video/picos-se-tornou-um-dos-maiores-produtores-de-mel-do-brasil-8475303.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2023.

⁶ URUÇUI supera Picos e é agora o 3º maior PIB municipal do Piauí. Portal AZ. Disponível em: <https://abre.ai/fX95>. Acesso em: 14 mar. 2023.

Utilizaremos também as contribuições teóricas da historiadora Ana Maria Mauad (1996) para auxiliar-nos na fomentação da discussão do uso da fotografia nas análises historiográficas, pois, assim como a autora, compreendemos a fotografia e a imagem como um documento histórico que opera concomitantemente como imagem/documento e imagem/monumento.

Para embasar as concepções de memória nos apoiaremos nas contribuições teóricas de Peter Burke (2000) para discorrer sobre a memória como fonte histórica, Michael Pollak (1992) para tratar acerca da *construção identitária*, Ecléa Bosi (2003) para versar sobre a *memória coletiva* e Pierre Nora (1993) para discutir acerca dos *lugares de memória*.

Ademais, usaremos o conceito de *táticas* do historiador, filólogo e jesuíta Michel de Certeau (2014). Para o autor, um indivíduo comum se torna um sujeito ordinário enquanto age de maneira improvisada para subverter as estratégias planejadas, ou seja, para fugir das regras impostas por sujeitos que ocupam instâncias de poder. Assim, analisamos que *táticas* são utilizadas pelos voluntários da Casa Aliança que auxiliam na desconstrução do estigma de pobreza atrelado à violência atrelados ao bairro em que a ONG está inserida.

Diante disso, recorreremos ao conceito de *estigma* de Erving Goffman (1998) e as contribuições acerca do preconceito contra a origem geográfica de Durval Muniz Albuquerque Júnior (2007) para analisarmos estigmas de pobreza e violência que assolam o bairro Parque de Exposição.

Para tanto, fundamentamos bibliograficamente em nossa pesquisa as concepções sobre *movimentos sociais, Organizações Não Governamentais – ONGs, terceiro setor e filantropia* a partir dos apontamentos teóricos dos autores Gisele Aparecida Bovolenta (2017), Maria da Glória Gohn (2000), Joana Coutinho (2003), Renata Saavedra Nabuco de Castro (2012), Miguel Darcy de Oliveira (1999) e Jorge Guerra Villalobos (2001).

No Brasil, as ações de caráter filantrópico surgiram ainda no período colonial com as Irmandades da Santa Casa de Misericórdia⁷ que distribuía alimentos, recolhiam órfãos, atendiam doentes, dentre outros. A autora Gisele Aparecida Bovolenta (2017) destaca que a Santa Casa foi pioneira no assistencialismo social antes mesmo da existência do Estado e da sua atuação no tocante à assistência e pobreza, que só ocorreu no século XX com a promulgação de leis visando garantir a segurança social, de modo que a assistência social só se efetiva enquanto uma política pública em 1988, com a Constituição Federal.

Segundo o dicionário Houaiss (2001) a palavra “filantropia” é constituída por duas palavras gregas. A primeira é *phylos*, que significa carinho e amor. A segunda é *anthropo*, que

⁷ A Santa Casa de Misericórdia, fundada em 1543, com o apoio da Igreja Católica e funciona até os dias atuais, oferecendo serviços de saúde no âmbito da saúde à população.

significa homem, ser humano. Assim, o termo filantropia significa “amor pela humanidade”, ou seja, é um ato altruísta cujo objetivo é ajudar o outro sem esperar nada em troca.

Em geral, uma entidade filantrópica se caracteriza por ser uma pessoa jurídica na forma de instituição beneficente que desenvolve ações assistencialistas à população em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Nessa conjuntura, tanto as Organizações-Não-Governamentais (ONGs) como outras associações sem fins lucrativos podem ser entendidas como entidades filantrópicas por atuarem no terceiro setor da economia, agindo em prol de causas cívicas onde o poder público opera de maneira negligente.

Segundo Maria da Glória Gohn (2000), as lutas e os movimentos sociais contra a dominação e exclusão social ocorrem no Brasil desde o período colonial. Contudo, é a partir dos anos de 1980 que houve uma organização no tocante aos segmentos sociais, tendo em vista que eles criaram uma pauta de reivindicações que veio a se transformar em leis. Com isso, organizações, movimentos sociais, ONGs, associações comunitárias, entidades filantrópicas, dentre outras, passaram a representar a sociedade civil através do chamado terceiro setor.

A existência de um “terceiro setor” da economia pressupõe a existência de um “primeiro” e um “segundo”. Com isso, o “primeiro setor” é formado pelo governo, o “segundo” pelas empresas privadas e o “terceiro setor” é composto pelas associações sem fins lucrativos. Para Joana Coutinho (2003) o “terceiro setor” surge porque os demais não estariam conseguindo responder às necessidades sociais, seja pela ineficiência do “primeiro” ou porque o “segundo” tende a visar apenas o lucro. Desse modo, o “terceiro setor” ocupa essa lacuna, estando supostamente acima da incompetência ou ineficiência do Estado e da sagacidade do setor privado.

Embora alguns atores sociais já se organizassem voluntariamente, sem fins lucrativos e em nome do bem comum, o conceito de “terceiro setor” surgiu pela primeira vez nos Estados Unidos na década de 1970 e se espalhou pelo mundo a partir da década de 1980.

As ONGs surgem no Brasil no final da década de 70 e início dos anos 80, paralelamente ao reconhecimento dos movimentos sociais. Conforme Renata Saavedra Nabuco de Castro (2012) o termo ONG apareceu pela primeira vez em documentos da Organização das Nações Unidas (ONU) no final da década de 1940 para se referir a um conjunto muito amplo de instituições por meio das quais os projetos no setor social eram discutidos e considerados pela ONU.

Nessa conjuntura, um processo de modernização estava em curso no Brasil nos anos de 1930. Na época, o governo de Getúlio Vargas regulamentava os órgãos e reconhecia as

instituições públicas. Em 1938, o Conselho Nacional de Serviço Social (CNSS) foi estabelecido para determinar que as instituições pudessem receber ajuda e subsídios estatais.

Em 1960, sob a ditadura militar, várias organizações se juntaram aos movimentos sociais da época em um esforço para restaurar a democracia no país. Com esse ajuste e o fim das ditaduras, muitas outras organizações da sociedade civil também surgiram, porque as demandas da sociedade ficaram cada vez mais claras.

Durante o regime militar (1964-1985) a sociedade civil organizou movimentos sociais e lutou pela efetivação de direitos e participação na política nacional com o auxílio de organizações não governamentais (ONGs). Muitos desses requisitos foram atendidos e incorporados a leis como a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) e a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS, 1993).

Após a ditadura, as ONGs organizaram um pouco melhor seus recursos humanos e tiveram um pouco mais de tranquilidade para buscar a especialização no terceiro setor, incentivando muitos profissionais a se dedicarem a essas tarefas. Ao fazer parte do terceiro setor, as ONGs ocupam esse espaço em que o Estado é ausente e a comunidade carente de educação, arte, lazer, cultura, dentre outros.

Jorge Guerra Villalobos (2001) aborda que o período de maior presença de ONGs no Brasil foi após 1986, com a redemocratização e adoção de políticas neoliberais, quando o Estado começou a se afastar das questões sociais terceirizando seus serviços para ONGs. O autor acrescenta que as ONGs deixaram de ser assessoras dos movimentos sociais na década de 1980 para atuar em nome do Estado na década de 1990.

No Brasil, o terceiro setor só começou a ser valorizado e estudado em 1995, após as reformas da administração pública implementadas pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. A discussão se volta para a eficiência e eficácia na solução dos problemas sociais do país, como educação ou saúde. Apesar da falta de reconhecimento, já havia diversas organizações do terceiro setor atuando no país.

No período de fundação da Associação Aliança e seus projetos, como a Casa Aliança, o Brasil estava sob a gestão de Fernando Henrique Cardoso – FHC (1995-2003), o estado do Piauí era governado por Mão Santa (1995-2001) e a cidade de Picos-PI tinha como prefeito José Néri (1997-2005).

Como salientado, foi no governo de FHC que o terceiro setor passou a ser valorizado e a ganhar mais espaço de atuação na sociedade brasileira. Nesse contexto, o governador do Piauí Francisco de Assis de Moraes Souza, conhecido como Mão Santa, adotou como política o assistencialismo, distribuindo sopas à população mais carente através do programa “Sopa na

Mão”, e também cestas de alimentos⁸. Ademais, o gestor municipal José Neri Sousa também adotou como política de governo ações de cunho assistencial à população picoense, distribuindo cerca de cinco mil refeições por dia para os mais necessitados⁹. É importante salientar que, por trás dessas benfeitorias há intencionalidades de legitimação política e social que visam muito mais uma autopromoção dos seus governos do que uma ajuda humanitária. Contudo, isso favoreceu a implantação e desenvolvimento de atividades filantrópicas nesses locais devido a política vigente.

Assim, nota-se que a fundação da Casa Aliança, no bairro Parque de Exposição, em Picos-PI, se deu em um período político e econômico¹⁰ propício para a implantação e desenvolvimento de ações assistencialistas e entidades sem fins lucrativos no Brasil, no estado do Piauí e na urbe de Picos.

Miguel Darcy de Oliveira (1999) argumenta que se as ONGs surgiram a partir dos movimentos sociais, elas se distanciaram deles na década de 1980 e hoje prestam atendimentos sociais, independentemente de qualquer classe ou movimento. Se antes a sua atuação estava voltada para denúncias e mobilizações, a partir de então começaram a fornecer serviços assistencialistas e emergenciais.

Nessa conjuntura, salientamos que embora as ONGs tenham um estilo próprio de gestão e sejam totalmente independentes administrativamente, elas podem estabelecer parcerias com organizações religiosas – como a Casa Aliança –, instituições beneficentes e sociais, com o próprio poder público e até com empresas privadas.

Diante disso, o estudo bibliográfico de Mariana Floracir de Moura (2016) analisa o bairro Parque de Exposição em relação a outros bairros da cidade de Picos e salienta que há uma produção e divulgação dos estigmas de pobreza e violência, os quais foram historicamente construídos, que atingem diariamente seus moradores. Salientamos que, diferentemente da historiadora Mariana Floracir de Moura (2016), pretendemos através do nosso trabalho tratar de maneira mais aprofundada as temáticas que envolvem Casa Aliança, bem como discorrer

⁸ FAMINTO é alvo de Mão Santa no PI. Senado. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/noticias/opiniaopublica/inc/senamidia/historico/1998/10/zn102237.htm>. Acesso em: 22 mar. 2023.

⁹ “MEU lugar é aqui” diz Zé Neri sobre filiação ao PT. **Jornal cidade verde**, 23 maio 2022. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/368837/meu-lugar-e-aqui-diz-ze-neri-sobre-filiacao-ao-pt>. Acesso em: 22 mar. 2023.

¹⁰ O governo de Fernando Henrique Cardoso desfrutava da estabilidade econômica advinda da implementação do Plano Real, que se deu na gestão do anterior presidente Itamar Franco. Este, era um plano econômico que visava resolver o problema brasileiro da inflação. O fim da crise de hiperinflação favoreceu o país na sua totalidade, e principalmente os indivíduos mais vulneráveis economicamente.

acerca das *táticas* empregadas pelos voluntários da instituição e os seus impactos para os moradores e para o bairro Parque de Exposição.

Através das contribuições de Mariana Floracir de Moura (2016) e Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007), fizemos em nosso estudo uma revisão bibliográfica sobre os estigmas de pobreza e violência atribuídos historicamente ao bairro Parque de Exposição – os quais são alvo de estudo da referida pesquisadora – com o intuito de analisar as falas dos entrevistados e averiguar as implicações disso para o trabalho realizado pela Casa Aliança.

Ademais, apoiamo-nos bibliograficamente nos aportes de Oliveira *et al* (2017) e Nascimento *et al* (2017), que fazem uma análise, respectivamente, das motivações dos voluntários da Casa Aliança, a partir de sua ótica e os impactos sociais promovidos pela instituição.

Diante do supracitado, salientamos que este estudo se faz pertinente no campo acadêmico, pois um trabalho que analisa as contribuições de uma instituição filantrópica para um bairro tende a ampliar os estudos sobre este assunto. No caso específico do nosso objeto de estudo, a pesquisa se faz relevante para a sociedade picoense e principalmente para os beneficiários da Casa Aliança ao possibilitar mais conhecimento acerca da história local do bairro Parque de Exposição e, possivelmente, uma maior visibilidade a este projeto, sendo, portanto, de suma importância para a aquisição de voluntários, parcerias e patrocinadores que auxiliem na sua manutenção.

Tomando como mote os relatos orais, fotografias, vídeos e jornais digitais, faremos no capítulo 1, intitulado “*A Casa Aliança*”, uma historicização acerca da fundação da Casa Aliança e discorreremos sobre os objetivos pelos quais foi fundada. Nessa conjuntura, alguns dos entrevistados estiveram presentes desde o início da instituição e, por isso, dialogaremos com suas histórias. Versaremos ainda sobre a participação da Casa Aliança no Programa Criança Esperança da Rede Globo de Televisão em parceria com a UNESCO e os seus impactos para a instituição filantrópica.

Ademais, analisaremos a situação político-econômica e social do bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI, onde está instalada a Casa Aliança, bem como refletiremos sobre os estigmas construídos sobre o bairro devido à sua história, pobreza e localização. Para tanto, utilizaremos os aportes teóricos de Durval Muniz Albuquerque Júnior (2007) e Erving Goffman (1998), e os estudos bibliográficos da autora Mariana Floracir de Moura (2016) e de Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007) para discutirmos sobre o estigma sofrido pelo referido bairro e para analisarmos as falas dos entrevistados.

No capítulo 2, intitulado “*Ações que constroem histórias e transformam vidas*”, dissertaremos acerca das atividades realizadas na Casa Aliança e seu modo de funcionamento, bem como discorreremos sobre alguns problemas enfrentados pela entidade filantrópica devido a essa estrutura do bairro e a outros fatores. Salientaremos ainda sobre a Casa Aliança enquanto um espaço de sociabilidades, um *lugar* e um *lugar antropológico* onde se constroem vivências, a partir dos aportes teóricos de Raquel Rolnik (1995), Ana Fani Alessandri Carlos (2007) e Marc Augé (2012).

Além disso, versaremos sobre os impactos da Casa Aliança para os beneficiários por meio da análise das *táticas* empregadas pelos voluntários da Casa Aliança e a sua utilização como forma de resistência e desconstrução dos discursos estigmatizantes de pobreza e violência envolvendo a comunidade do bairro Parque de Exposição desde a sua formação.

2 A CASA ALIANÇA

No decorrer deste capítulo visamos historicizar e analisar o contexto de fundação da instituição filantrópica Casa Aliança, os objetivos pelos quais foi fundada, seu modo de funcionamento e relevância social dentro do contexto do bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI. Destacamos ainda a participação da entidade filantrópica no Programa Criança Esperança da Rede Globo de Televisão em parceria com a UNESCO, a qual foi de suma importância para a realização de melhorias no local, auxiliando assim na continuidade dos trabalhos assistencialistas prestados à comunidade do bairro em que está situada.

Ademais, temos como intuito analisar a Casa Aliança no contexto do bairro Parque de Exposição, visando compreender sua situação político-econômica e social e problematizarmos os estigmas de pobreza e violência que foram historicamente atribuídos ao referido bairro.

2.1 Historicização da atuação da Casa Aliança

Em sua obra “A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer” Michel de Certeau (2014) discorre sobre as práticas culturais contemporâneas de grupos desprivilegiados, pois em sua análise ele deixa de lado a elite e busca perceber a maneira como sobrevivem as classes subalternas.

Ao olhar para os sujeitos anônimos da história, Michel de Certeau busca relatar as “maneiras de fazer” desses sujeitos, ou seja, as ações cotidianas que realizam, como: ler, cozinhar, falar, dentre outras. Ao longo desta análise, o autor emprega o conceito de *táticas* que nos permite refletir sobre as práticas cotidianas do sujeito anônimo, as quais são fruto de jogos entre a sobrevivência dos fracos e os mecanismos cujos fortes utilizam para se manter no poder. Com isso, tomaremos o conceito de *táticas* de Michel de Certeau para analisarmos as atividades e ações empregadas pelos voluntários deste projeto.

A Casa Aliança constitui-se como um projeto filantrópico, educativo e sociocultural que atua no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos, que fica no estado do Piauí, atendendo crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Existindo desde o ano de 2003, a Casa Aliança faz parte da Associação de Desenvolvimento Comunitário Construindo Alianças e tem contribuído para o bem-estar social do público atendido.

A Associação de Desenvolvimento Comunitário Construindo Alianças, conhecida como Associação Aliança, foi fundada em 1998 pelo pároco Mauro Bianchi¹¹ e pela missionária italiana Daniela Marchi, com o intuito de prestar assistência social à população do referido bairro por meio de vários projetos sociais que seriam desenvolvidos dentro dela. Conforme o relato oral de Marilene de Sousa Albuquerque¹², coordenadora e educadora social da instituição:

A Casa Aliança por ter sido os missionários Italianos que fundaram ela, então a Igreja Católica ela prestava um serviço na comunidade e... e uma vez ao mês, naquele tempo, tinha celebrações, tinha encontro catequético e através disso é... eles tiveram a ideia de colocar a Casa Aliança, de ter um espaço que até então não tinha o nome ainda, ter um espaço que pudesse acolher as crianças, as suas famílias, os adolescentes. (Marilene, 2022).

Os relatos de memória da entrevistada Marilene possibilitam-nos, como ressalta Ecléa Bosi (2003), partirmos do presente para compreendermos o passado, pois “não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais” (BOSI, 2003, p. 20). A autora entende a memória como uma forma de organização e ensina que, ao lidar com a memória oral, devemos respeitar os caminhos abertos pelo entrevistado. Numa perspectiva histórica, Peter Burke (2000) descreve a memória como uma reconstrução do passado e ressalta a necessidade de se preocupar com a memória por diversos motivos, como, por exemplo:

[...] em primeiro lugar têm de estudar a memória como uma fonte histórica, elaborar uma crítica da confiabilidade da reminiscência no teor da crítica tradicional de documentos históricos [...] em segundo lugar, os historiadores se interessam pela memória como um fenômeno histórico; pelo que se poderia chamar de história social do lembrar [...] as memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade. (BURKE, 2000, p. 72-73).

Levando isso em consideração, analisamos os relatos orais e verificamos que a narradora Marilene destaca que a Casa Aliança surge como um projeto dos missionários italianos junto à

¹¹ O pároco Mauro Bianchi é um sacerdote italiano que veio para a cidade de Picos-PI em meados de 1990, para ser padre da Paróquia São Francisco de Assis, presente no bairro Junco e que fica ao lado do bairro Parque de Exposição.

¹² Marilene de Sousa Albuquerque, 42 anos, nasceu em 4 de dezembro de 1980, em Picos-PI. Graduada em Pedagogia pela UESPI. É casada e tem três filhos. Mora em Picos-PI, no bairro Parque de Exposição, desde a década de 1990. Participa da Casa Aliança desde a sua fundação, atuando como coordenadora e educadora social. Portanto, tem vasto conhecimento empírico sobre o objeto de estudo desta pesquisa. Concedeu entrevista para este trabalho em 27 de julho de 2022, presencialmente, no âmbito das dependências da Casa Aliança. Ademais, salientamos que a entrevistada prefere ser chamada neste trabalho apenas como Marilene, portanto, utilizaremos daqui por diante apenas esta nomenclatura para nos referirmos a ela.

Paróquia São Francisco de Assis, de modo que os projetos implementados no bairro por meio da Associação Aliança têm funções não somente sociais, mas catequéticas. Apesar do padre Mauro Bianchi e da missionária Daniela Marchi serem os principais nomes que deram início a esse trabalho, os entrevistados deixaram claro que outros missionários italianos e demais pessoas fizeram parte do mesmo. Abaixo, podemos ver uma foto dos principais fundadores desses projetos sociais.



Figura 1: Missionária italiana Daniela Marchi e pároco italiano Mauro Bianchi, em fotograma do “Documentário - História e atividades desenvolvidas pelo Projeto Casa Aliança, sediado em Picos-PI”.

Fonte: CASA ALIANÇA, 2018.

Segundo a coordenadora Marilene, o pároco Mauro Bianchi e a missionária Daniela Marchi vieram para Picos a partir de um acordo feito entre a Diocese de Picos e a Diocese Piacenza, na Itália. Com isso, o padre Mauro Bianchi viria assumir a Paróquia São Francisco de Assis, no bairro Junco, em Picos-PI, porque o padre italiano que estava nela iria para outra paróquia. Nessa transferência do padre Mauro Bianchi, veio uma missionária leiga – Daniela Marchi – acompanhando-o.

Nessa curta estadia pela cidade, ela visitou alguns bairros e dentre eles estava o Parque de Exposição. Ao se deparar com a situação de pobreza local e ao perceber o constante envolvimento de menores de idade com drogas, a missionária italiana sentiu o desejo de criar um projeto para auxiliar essas famílias. Ela retornou à Itália – pois só veio acompanhar seu amigo na viagem – com a ideia de desenvolver um projeto social no bairro em questão.

Após conseguir – junto à Diocese de Piacenza, na Itália – os recursos financeiros necessários para o desenvolvimento do projeto social, a missionária Daniela Marchi mudou-se

para Picos-PI e morou por muitos anos na casa paroquial da Paróquia São Francisco de Assis, no bairro junco. Após isso, mudou-se para o bairro Parque de Exposição. Ao todo, ela passou cerca de dez anos na cidade e, com o auxílio do padre Mauro Bianchi, fundou a Associação Aliança, bem como seu primeiro projeto, a Creche Aliança, cujo propósito era auxiliar as famílias e, principalmente, as mães que queriam trabalhar, mas não tinham com quem deixar seus filhos. No início, todos os recursos financeiros para a manutenção dos projetos – inclusive para o lanche das crianças – vinham da Itália e somente depois o projeto passou a contar com doações.

Com o passar do tempo outros projetos foram surgindo e a Casa Aliança deu continuidade aos trabalhos desenvolvidos na Creche Aliança. A esse respeito, Pedro¹³, ex-beneficiário e ex-voluntário da instituição, destaca que:

A Casa Aliança foi criada por alguns religiosos italianos, né? Creio eu que em viagem missionária aqui pelo Brasil. Eles estavam ali no Parque de Exposição e sentiram a necessidade de criar uma Associação, um grupo de projetos sociais que de alguma forma fossem revestidos em benfeitorias pra população do bairro, daí a Casa Aliança era só um dos componentes dessa Associação que era composta por a Casa Aliança, a Lavanderia, o Artesanato e o Restaurante e Pizzaria Capricci Italiani. (Pedro, 2022).

Como ressaltado pelo narrador, a Casa Aliança é apenas um dos projetos que foram criados dentro da Associação Aliança que mesmo sendo fundada em 1998, só foi registrada em 1999. Contudo, antes da fundação da Casa Aliança, a Creche Aliança surgiu em 1999 para assistir às famílias carentes, as quais não tinham onde deixar seus filhos para irem trabalhar, tendo em vista que o bairro contava com poucas escolas e nele não havia creche.

Assim, com o intuito de possibilitar atividades de aprendizagens sociais, educativas e culturais a essas crianças que não tinham onde ficar enquanto os pais ou responsáveis precisavam trabalhar, os missionários italianos buscaram construir um espaço que pudesse acolhê-las da situação de vulnerabilidade socioeconômica. A esse respeito a coordenadora da instituição ressalta que:

Como eu disse... primeiro nasceu Associação Aliança, aí a creche foi o primeiro projeto da Associação Aliança. Por muito tempo a Associação

¹³ Pedro, 22 anos, nasceu em 12 de dezembro de 1999, em Jaicós-PI. Possui ensino médio completo, é solteiro e não possui filhos. Mora em São Paulo-SP e durante a sua participação na Casa Aliança residiu no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI. Participou da Casa Aliança como beneficiário e foi voluntário na área de teatro, auxiliando também no reforço escolar de inglês. Portanto, tem vasto conhecimento empírico sobre o objeto de estudo desta pesquisa. Concedeu entrevista para este trabalho em 2 de agosto de 2022, via plataforma digital *Gmail*, devido à solicitação dele em decorrência de sua intensa jornada de trabalho. Ademais, salientamos que o entrevistado não autorizou a revelação de seu nome completo, desejando ser chamado neste trabalho apenas de Pedro, portanto, utilizaremos daqui por diante apenas esta nomenclatura para nos referirmos a ele.

manteve a Creche, porém precisava de muito recurso. Você atender sessenta crianças de manhã, sessenta de tarde com creche e pré-escola precisava de muitos professores, de... de alimento, de tudo. Então as dificuldades financeiras foram aumentando. Aí por um tempo a gente conseguiu um apoio do município, passou a ser parceira da Associação Aliança, ajudando na Creche até no tempo que a Associação viu que não tinha mais como manter a Creche e a prefeitura assumiu a Creche, né, a Creche Aliança. Então eles assumiram a Creche, eles levaram pro prédio Maria Gil, entendeu?! E quando isso aconteceu já tinha a Creche e a Casa Aliança ao mesmo tempo. Tinha o público menor até cinco anos e meio na Creche e os outros de sete anos vinha pra Casa Aliança. (Marilene, 2022).

Conforme os entrevistados Pedro e Marilene, a Casa Aliança foi fundada no ano de 2003 visando dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela Creche Aliança, de maneira que as crianças que saíam dela continuassem sendo atendidas pela Associação Aliança. Assim, o público infantojuvenil teria uma formação integral até chegar à maioridade.

Alguns entrevistados relataram que os beneficiários permaneciam na creche até cinco anos e meio e outros relataram ser até os seis anos. Nessa conjuntura, eles explicaram que essa era a idade média em que eles ficavam na creche, mas às vezes poderia variar a depender do caso. Durante determinado período, o qual não foi especificado ao longo dos relatos orais, ambos os projetos funcionaram concomitantemente. Contudo, devido a problemas de manutenção financeira, a Creche Aliança obteve apoio da Prefeitura Municipal de Picos durante algum tempo e posteriormente o município assumiu sua gestão.

Embora não tenha sido especificado nos relatos orais, o vídeo “ONG Casa Aliança Picos-PI | 18 anos” publicado pela voluntária Chiara de Sousa Albuquerque mostra várias fotos aleatórias da Associação Aliança e seus projetos com fatos ordenados cronologicamente. No vídeo, a voluntária apresenta as seguintes informações e a cronologia: 1) Em 1997 houve a chegada dos missionários da Itália ao bairro Junco em Picos-PI; 2) Em 10 de novembro de 1999 a Associação Aliança foi oficialmente fundada e registrada com o nome original de “Fundação de Desenvolvimento Comunitário Creche Aliança”; 3) Em 5 de março de 2003 foi fundada a Lavanderia Aliança; 4) Em 5 de novembro de 2003 foi fundada a Casa Aliança; 5) Em 20 de outubro de 2004 foi firmada a parceria com o Programa Mesa Brasil SESC; e, 6) Em 2007, houve a alteração do nome da Associação Aliança para “Associação de Desenvolvimento Comunitário Construindo Alianças”, o qual permanece até o momento.

Outro fator que não foi citado nas entrevistas, mas foi publicado pela Rede Globo de Televisão em uma matéria do Criança Esperança intitulada “Associação de Desenvolvimento Comunitário Construindo Alianças”, é que os missionários italianos que fundaram a Casa Aliança fazem parte da Diocese de Piacenza, na Itália. (ASSOCIAÇÃO..., 2017).

Destacamos que apesar de terem sido questionados a respeito, nenhum dos entrevistados informou as datas de fundação da Associação e seus projetos – apenas o ano –, bem como quando os missionários chegaram à cidade ou se a Associação Aliança já teve outro nome.

O prédio onde funciona a sede da entidade filantrópica é uma casa própria da Associação Aliança desde a sua fundação¹⁴. Segundo a coordenadora “[...] no tempo morava uma senhora aqui, que, que quis sair, e aí foi pago uma gratificação pra ela, e, a gente, hoje... a gente não paga aluguel, a casa é da Associação Aliança”. (Marilene, 2022). As fotos a seguir mostram a fachada da Casa Aliança assim que adquirida em 2003 e após a realização de alguns acabamentos que ocorreram em seguida.

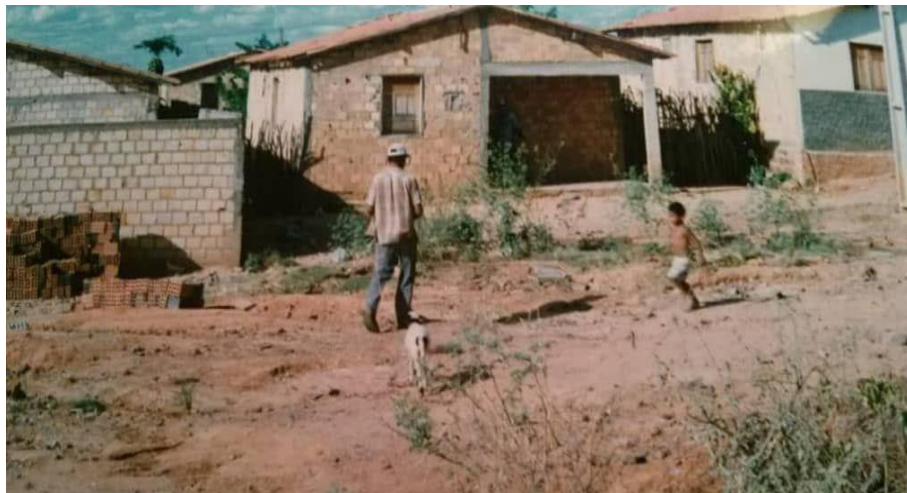


Figura 2: Fachada da Casa Aliança em processo de construção, em meados de 2003.

Fonte: Facebook da Casa Aliança.



Figura 3: Fachada da Casa Aliança após alguns acabamentos, por volta de 2003.

Fonte: Facebook da Casa Aliança.

¹⁴ A instituição filantrópica Casa Aliança localiza-se no Bairro Parque de Exposição, Rua Salvador, n.º 771, em Picos, PI.

Contudo, foi nos dado a conhecer que antes do início das atividades da Casa Aliança, o local já era utilizado para a confecção de sabão com as mães da comunidade, como mostra a foto abaixo:

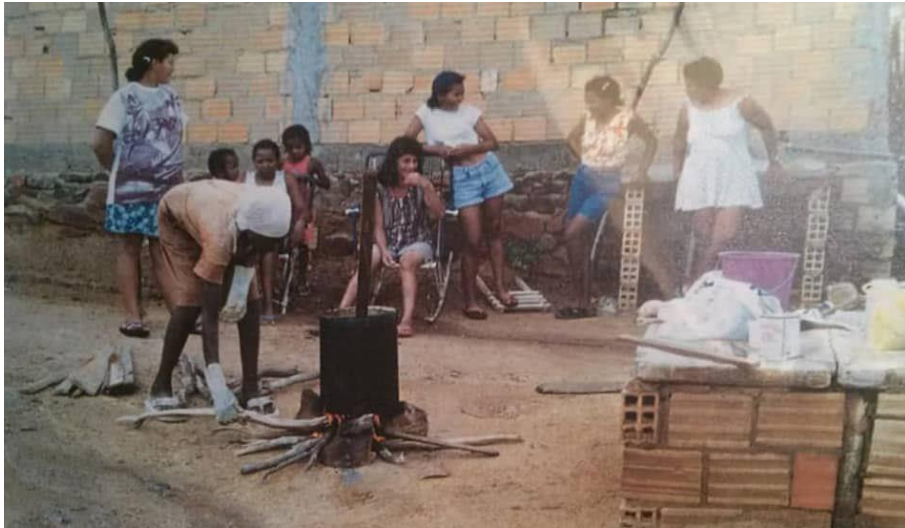


Figura 4: Confeção de sabão com as mães da comunidade, antes do início das atividades da Casa Aliança, em meados de 2001.

Fonte: Facebook da Casa Aliança.

A fotografia apresentada (figura 4) mostra o local onde os entrevistados chamam de “muro da Casa Aliança”, que compreende o espaço onde fica o pátio da instituição, utilizado tanto no desenvolvimento de atividades e oficinas como um ambiente para a realização de refeições. Na imagem vemos mães de família que estão acompanhadas de algumas crianças aprendendo a fazer sabão caseiro a partir de produtos como potassa e restos de gordura. Essas pessoas estão reunidas em torno de uma fogueira e em cima dela há uma lata onde está o material do sabão que está sendo confeccionado.

Como auxílio para a realização da atividade, notamos que a senhora que está mexendo com o fogo e sabão utiliza luvas e um bastão de madeira para mexer o líquido quente. Ademais, salientamos a infraestrutura do local tendo em vista que as paredes sem reboco e inacabadas, assim como o chão de areia, dão a impressão de que a instituição estava em processo de construção e acabamento.

Ao longo de sua existência, a Casa Aliança tem desenvolvido atividades voltadas para o terceiro setor e tem atuado como uma Organização Não Governamental. Contudo, a coordenadora da instituição ressaltou que a entidade filantrópica é registrada junto à Associação Comunitária de Desenvolvimento Construindo Alianças e, oficialmente, é caracterizada como uma Associação sem fins Lucrativos. A esse respeito a entrevistada destaca que:

Então é registrada... assim, a Associação é registrada como uma organização sem fins lucrativos. Entendeu? A Associação. Então, tudo que a gente vai fazer aqui... Digamos que a Casa Aliança tá sendo nome fantasia. Porque tudo que a gente vai fazer, a gente faz com o nome da Associação de Desenvolvimento Com... ele tem um CNPJ, tem toda a documentação, tem estatuto, entendeu?!, tem o livro... o livro Ata das eleições que a cada três anos a gente renova a diretoria, entendeu?! Tudo que a gente faz é com a documentação. [...] Na verdade, a Associação termina sendo a Casa Aliança, tá entendendo?!, porque ela responde pela Casa Aliança porque os outros... tipo a Lavanderia Aliança que existe ainda eles... eles são vinculados a Associação, mas eles são totalmente livres. O dinheiro que eles ganha é deles, eles pagam o que eles... que eles compram, os custos, os benefícios que eles têm. Então, assim o que a gente recebe da Lavanderia são o que? São o trabalho voluntário delas. Então, na verdade a Associação responde muito mais só pela Casa Aliança, tá entendendo?! Aí a gente sempre coloca “Associação de Desenvolvimento Comunitário Construindo Alianças” e entre parênteses “Casa Aliança”. (Marilene, 2022).

Apesar de ter a liberdade de atuar de maneira independente como uma Organização Não Governamental (ONG), a Associação Aliança responde regular e legalmente pela Casa Aliança, já que ela faz parte do conjunto de projetos fundados através dela. Segundo Maria Cecília Prates Rodrigues (1998), as Associações são organizações fundadas com base em contratos livremente estabelecidos entre indivíduos para realizarem atividades ou defenderem interesses comuns e incluem uma ampla variedade de objetivos e atividades para seus membros, como entretenimento, esporte, cultura, artes, etc.

Já as ONGs, assim como as Associações, são organizações dedicadas à sociedade civil, aos movimentos sociais e à mudança social. Embora sejam também classificadas como Associações no Código Civil Brasileiro, diferem das Associações por serem raramente dirigidas aos seus próprios membros, mas terem suas ações direcionadas principalmente a um "terceiro" grupo, ou seja, a outros alvos que não aqueles que as constituem.

Além disso, é importante salientar que as ONGs não necessariamente existem de maneira legal, ou seja, esse é um termo genérico utilizado para se referir a instituições privadas sem fins lucrativos como Fundações e Associações. Dessa maneira, todas as Associações podem ser entendidas com ONGs, mas nem toda ONG é uma Associação. Isso ocorre porque conforme Maria Cecília Prates Rodrigues (1998) as Associações trabalham em prol de uma causa comum que esteja diretamente ligada a seus membros, enquanto as ONGs buscam atender não só seus membros, mas também o público externo.

Assim, a Associação Aliança enquanto “Associação” beneficia seus membros e àqueles que estão ligados a ela por meio de seus projetos. Já a Casa Aliança, exercendo o papel de ONG, presta serviços não apenas aos alunos que fazem parte do projeto, como também beneficia

“terceiros”, ou seja, os pais e toda a comunidade do bairro Parque de Exposição, via doações e oficinas oferecidas pela instituição.

Ao questionarmos aos entrevistados sobre o início de suas participações na Casa Aliança, foi nos dado a conhecer que muitos deles estiveram presentes desde o início dos projetos sociais que surgiram a partir da fundação da Associação Aliança. A esse respeito a coordenadora da instituição declara:

Então, eu... eu morava aqui no bairro e eu sempre participei de grupos da Igreja. Então foi através disso, d’eu participar dos grupos da Igreja, a ideia de... de ter um espaço pra acolher esse público veio dos missionários italianos na qual era da Paróquia que eu fazia parte. (Marilene, 2022).

A foto abaixo mostra a narradora Marilene com outra voluntária no início do projeto:



Figura 5: Coordenadora Marilene e a voluntária Marciana no início das atividades da Casa Aliança, em meados de 2003.

Fonte: Facebook da Casa Aliança.

A fotografia mostra a coordenadora Marilene junto com a voluntária Marciana no “muro” da Casa Aliança, que corresponde ao pátio da instituição em que são realizadas as oficinas e refeições, no início do projeto, quando o prédio da instituição ainda estava passando pelo processo de construção e acabamento.

Quando a Associação Aliança foi fundada, juntamente com os demais projetos, a coordenadora Marilene começou a atuar na Associação Aliança como voluntária, trabalhou durante um tempo como funcionária e voltou a ser voluntária devido a problemas financeiros enfrentados pela Associação. A narradora relata que no início atuou como professora da Creche

Aliança e dava aulas para as crianças de dois anos e meio a cinco anos e meio de idade. Após a fundação da Casa Aliança, ela passou a atuar como educadora social na instituição filantrópica e, posteriormente, como coordenadora, permanecendo com as duas funções até os dias atuais.

Ademais, duas outras entrevistadas relataram que estiveram presentes desde o início do projeto e fizeram parte não só da Casa Aliança, mas também da Creche Aliança. Acerca disso, Maria Isabel dos Santos Sousa¹⁵ destaca:

Eu praticamente nasci dentro do projeto [risos]. Não, é porque assim. É... primeiro iniciou-se com a Creche Aliança, que no caso seria um projeto que é... seria uma creche pra crianças e dali surgiu a Casa Aliança, né. Então assim, minha mãe ela foi uma das beneficiárias do projeto da Associação e ela começou a trabalhar para o projeto da Associação que a Associação são vários projetos, tem a Lavanderia Aliança, tinha a Creche Aliança que não existe mais, a Casa Aliança, o Capricci Italiani que também não existe mais. Mas assim, a minha mãe entrou pra trabalhar no projeto e aí eu e o meu irmão entramos na Creche, o meu irmão entrou na Casa Aliança primeiro que eu e depois entrei na Casa Aliança quando eu completei meus dez anos – que no meu tempo só podia entrar com dez anos – e aí então entrei na Casa Aliança, depois da Creche, né. Então, assim, praticamente eu nasci ali dentro e fui crescendo ali também. (Isabel Santos, 2022).

Nessa conjuntura, salientamos que o tom de voz empregado pela narradora em vários momentos da entrevista, acompanhado pelo riso frouxo ao declarar “Eu praticamente nasci dentro do projeto” deram-nos a impressão de que a ela respondera aos questionamentos sobre o início de sua participação no projeto com um certo saudosismo em relação à sua história e aos impactos que o contato com a Casa Aliança trouxe para a sua vida. Com isso, notamos que a memória confere aos indivíduos sentimentos identitários a partir de representações simbólicas. Para Michael Pollak (1992, p.204) “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”, ou seja, os entrevistados têm a sensação de pertencimento a um grupo, a qual permanece de modo continuado no tempo. Outrossim, Luana da Conceição Moura¹⁶ frisa em sua fala que:

¹⁵ Maria Isabel dos Santos Sousa, 23 anos, nasceu em 29 de março de 1999, em Picos-PI. Graduada em Administração pela UFPI. É solteira e não possui filhos. Mora em Picos-PI, no bairro Parque de Exposição, desde o seu nascimento. Participou da Casa Aliança desde a sua fundação no ano de 2003 até 2009 como beneficiária e como voluntária dos anos de 2013 a 2019 nas áreas de teatro e violão, ajudando também na construção dos boletins informativos. Atualmente, é madrinha do projeto, contribuindo financeiramente na manutenção dele. Portanto, tem vasto conhecimento empírico sobre o objeto de estudo desta pesquisa. Concedeu entrevista para este trabalho em 29 de julho de 2022, via plataforma digital *Zoom Meeting*, devido à solicitação dela em decorrência de sua intensa jornada de trabalho. Ademais, salientamos que a entrevistada prefere ser chamada neste trabalho apenas como Isabel Santos, portanto, utilizaremos daqui por diante apenas esta nomenclatura para nos referirmos a ela.

¹⁶ Luana da Conceição Moura, 24 anos, nasceu em 3 de abril de 1998, em Picos-PI. Graduada em Administração pela UFPI-CSHNB (curso trancado). É casada e não possui filhos. Mora em Floriano-PI, desde o mês de abril de 2022. Participou da Casa Aliança desde o ano de 2005 até o ano de 2016 como beneficiária e como voluntária dos anos 2016 a 2020 na área de teatro. Portanto, tem vasto conhecimento empírico sobre o objeto de estudo desta

Eu era da Creche Aliança, matriculada na Creche Aliança, e meu pai era professor de artesanato na Casa Aliança. Aí era sempre assim... quando você dava a idade, todo mundo já queria que desse a idade pra ir pra Casa Aliança, né? Quando eu completei, era o que... entrava com oito anos. Na época eu entrei, aí já só troquei, saí da Creche e fui pra Casa Aliança. Aí após isso, eu me tornei professora de teatro lá. Eu já era voluntária de teatro e meu pai continuou também como professor de artesanato. (Luh Moura, 2022).

Como salientado, ambas as entrevistadas fizeram parte do primeiro projeto da Associação Aliança e, logo em seguida, foram para a Casa Aliança onde estiveram durante a infância, adolescência e atuaram como voluntárias. Ao longo dos relatos orais, notamos que este foi o caminho traçado pela maioria das crianças e adolescentes que passaram pela instituição, tanto porque eles viam no voluntário o exemplo daquilo que gostariam de se tornar como pelo desejo de retribuir ao projeto que um dia lhes ajudara.

Em uma entrevista fornecida ao telejornal “Bom dia Brasil” acerca da participação da Casa Aliança no Programa Criança Esperança, a ex-presidente da Associação Aliança Glácia Lopes destaca que: “Pra gente, o mais gratificante é vê-los voltar como voluntários, porque isso nos mostra que eles aprenderam a lição da solidariedade” (2016_ APROVAÇÃO..., 2020). Nessa conjuntura é possível perceber que o projeto busca se autossustentar, pois além de contribuir para o desenvolvimento social e profissional de seus alunos, prepara-os para tornarem-se futuros voluntários, para atuar na Casa Aliança ou em qualquer outra instituição filantrópica, como podemos ver nas fotos abaixo:



Figura 6: Entrevistada Isabel Santos ministrando aulas de violão na Casa Aliança, em 19 de agosto de 2019.

pesquisa. Concedeu entrevista para este trabalho em 11 de agosto de 2022, presencialmente, nas dependências da casa de sua sogra presente no bairro Parque de Exposição. Ademais, salientamos que a entrevistada prefere ser chamada neste trabalho pelo seu nome artístico Luh Moura, portanto, utilizaremos daqui por diante apenas esta nomenclatura para nos referirmos a ela.

Fonte: Facebook da Casa Aliança.



Figura 7: Entrevistada Luh Moura e outros voluntários apresentando a peça “Casimira Quietinha”, no Teatro Aliança, em 31 de outubro de 2018.

Fonte: Facebook da Casa Aliança.



Figura 8: Entrevistado Anderson James ministrando aulas esportivas com as crianças da Casa Aliança na quadra da Unidade Escolar Maria Gil Medeiros, em 1 de setembro de 2018.

Fonte: Facebook da Casa Aliança.

As fotografias supracitadas (6, 7 e 8) mostram os ex-beneficiários Isabel Santos, Luh Moura e Anderson James como voluntários da Casa Aliança prestando serviços, respectivamente, nas áreas da música, teatro e esportes. Nessa conjuntura, notamos que os voluntários se comportam como heróis comuns ao se utilizarem de *táticas* e transformarem o bairro Parque de Exposição, mesmo permanecendo nele, através do ensino de atividades socioculturais e artísticas como aulas de violão, teatro e esportes, as quais não eram possíveis aos beneficiários anteriormente devido a ineficiente assistência do Estado às famílias do local. Através das ações dos voluntários, os beneficiários da instituição filantrópica têm acesso a direitos que outrora lhes eram negados devido à sua condição de subalternidade.

Considerando que a Casa Aliança foi criada para atender as carências dos moradores do bairro, se faz necessário compreendermos como é a estrutura urbana, econômica e social do bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos – no estado do Piauí – onde a instituição se encontra instalada. Segundo Pedro:

O bairro Parque de Exposição, onde a Casa Aliança tá situada, ele é considerado um bairro carente da cidade de Picos e muito embora a situação vem mudando ao longo dos anos, né, muita gente ali do bairro tem conseguido ascender economicamente e socialmente, conseguido melhores formações, melhores profissões, ainda assim na... na sua maioria a população do bairro é composta por famílias de classe média baixa, muita gente vivendo ali na linha da pobreza. Então essa estrutura é... social e econômica do bairro e em questão da estrutura urbana, o bairro ele ainda é muito é... precarizado, muito esquecido pelas autoridades políticas locais. (Pedro, 2022).

Desse modo, as precárias condições de infraestrutura urbana, econômica e social do bairro Parque de Exposição, bem como a desassistência por parte do poder público, fomentam as condições de vulnerabilidade dele e a suscetibilidade dos infantojuvenis a se envolverem com drogas – um problema presente no local. Nesta perspectiva, a ex-beneficiária e ex-voluntária Luh Moura enfatiza que:

O bairro Parque de Exposição, como já havia dito, é um bairro bem carente e de tudo... de estrutura, de saneamento, do saneamento básico a até ser visto é... como prioridade pela questão política, de prefeito, de tudo. É um bairro esquecido. Ninguém lembra do Parque de Exposição. Você anda nas ruas... é ruas sem calçamento. É... agora, com muito problema... agora não, já de muito tempo, com animais feridos, muita coisa. E são vários problemas que o bairro realmente enfrenta e que a gente vê de longe, né. Essa questão da... das crianças se envolverem já desde pequeno nessa questão de droga [...] E os pais também já são pessoas muito carentes. Aí vai só... É como se fosse uma bola

de neve. E aí a Casa Aliança tem esse fundamento de tentar parar ali pra ver se a criança tem um outro futuro. (Luh Moura, 2022).

A narradora destaca em sua fala algumas problemáticas enfrentadas pelos moradores do bairro como o saneamento básico, animais de rua feridos, crianças se envolvendo com drogas, etc. Diante dessa conjuntura, a Associação Aliança por meio da Casa Aliança tem desenvolvido ações assistencialistas via atividades educativas e socioculturais para as crianças e adolescentes que participam dela.

Durante o ano de 2017, a Casa Aliança contou com o auxílio do Programa Criança Esperança da Rede Globo de Televisão. O Programa Criança Esperança é uma parceria da Rede Globo com a UNESCO que ocorre desde 2004 e visa mobilizar a sociedade por meio de uma enorme campanha midiática em prol do auxílio de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Uma matéria do telejornal “Bom dia Brasil” da Rede Globo de Televisão, repostada pela Casa Aliança em suas redes sociais, mostra a participação do projeto social no Criança Esperança e evidencia as atividades fornecidas pela Casa Aliança que beneficiam as crianças. Ao longo de sua fala o entrevistador diz que “este ano [2017] a escolinha tem o apoio do Criança Esperança. O dinheiro será investido na compra de computadores e de material esportivo para as aulas de vôlei e futebol” (2016_ APROVAÇÃO..., 2020). Diante disso, a coordenadora Marilene destaca a importância do Programa Criança Esperança para a instituição:

Então, justamente. A partir de 2017 encerrou a ajuda da Itália e a gente enviou um projeto pro Criança Esperança em 2016, que era pra aprovar pra 2017, aí graças a Deus né a gente tinha encerrado a parceria lá com a Itália, financeiramente e a gente foi aprovado, né, no final de 2016 pra receber o recurso é.. em 2017. Então assim, foi um ano de alegria, foi um ano assim de muita assistência que eles nos... nos deram muita assistência, né. Inclusive nossa sala de... de informática foi através do Criança Esperança. Eles nos auxiliaram na alimentação, deram bolsas de... bolsas de ajuda pra alguns voluntários que já ajudavam aqui, então eles era... eles recebiam remunerado uma pequena gratificação, uns 6 voluntários que já era daqui. E foi um momento assim de alegria por que a gente passou um ano, digamos assim, folgado né. A gente tinha aquele... aquela ajuda pra alimentação, pras atividades. Então foi bom. A cada três meses a gente prestava conta e eles liberavam outro recurso. (Marilene, 2022).

Como supracitado, foi através do programa Criança Esperança que a Casa Aliança encontrou subsídios financeiros para se manter enquanto buscava mais padrinhos para contribuir com o projeto, logo após o encerramento do auxílio financeiro vindo dos italianos que fundaram a instituição. Em outra matéria jornalística presente no canal do YouTube da instituição, a Rede Globo de Televisão destaca que: “A Casa Aliança é um dos projetos

apoiados pelo Criança Esperança no Piauí durante este ano de 2017. Com dinheiro das doações, a entidade conseguiu dar estrutura para a sala de informática, bem como adquirir 10 computadores, 12 mesas e quatro armários. Além disso, essa verba ajuda na manutenção de atividades esportivas como aulas de futsal, dança e capoeira” (2016_ APROVACÃO..., 2020). Assim, foi através do programa que houve a possibilidade de equipar a sala de informática para facilitar o ensino e aprendizagem dos alunos, além do apoio recebido com a alimentação – como destaca a coordenadora Marilene – e outros recursos para realização de atividades como mesas e armários, conforme a reportagem. A narradora Marilene ainda enfatiza que os voluntários, que muitas vezes são ex-beneficiários e por isso não possuem boas condições financeiras, foram auxiliados pelo programa por uma gratificação remunerada.

Acerca dessas mudanças, o ex-beneficiário e ex-voluntário Pedro discorre sobre a relevância do Programa Criança Esperança para a entidade filantrópica:

Então, pelo que eu lembro, no tempo em que o projeto foi apoiado pelo Criança Esperança, foi um período em que a Casa Aliança passou por muitas transformações, muitas melhorias de infraestrutura, principalmente é... onde a sede da Casa Aliança passou por toda uma... uma reforma, aumentou de tamanho, conseguiram comprar muitos computadores pra sala de informática, melhorias na biblioteca, algumas salas foram climatizadas. Enfim, acredito eu, que com toda essa melhoria de infraestrutura, o que trouxe de benefício foi que a Casa Aliança conseguiu, é... prestar assistência para mais pessoas, mais famílias, mais crianças. Acredito que essa foi uma das grandes melhorias que... que o apoio do Criança Esperança trouxe de benefícios pro projeto. (Pedro, 2022).

Como salientado, o apoio do Criança Esperança auxiliou não somente na compra de computadores, como na reforma e expansão da sede e melhorias para os diversos espaços da Casa Aliança, como a compra de materiais para a biblioteca e climatização de algumas salas. Além das mudanças físicas, a narradora Isabel Santos fala da visibilidade que o programa trouxe para a instituição:

Eu acho que assim, o Criança Esperança ele trouxe um pouco de visibilidade pra o projeto, né? Porque assim, é um programa assim de nível Brasil, então assim, ele trouxe essa visibilidade, pro projeto durante o período que... que a gente teve inscrito e também trouxe essa ajuda financeira pra a gente poder crescer um pouco e...trazer algumas melhorias para dentro do... do projeto. (Isabel Santos, 2022).

Como relatado, a participação da Casa Aliança no programa Criança Esperança trouxe mais visibilidade ao projeto, tendo em vista que ele é um dos projetos de mobilização social que possui mais reconhecimento e visibilidade do Brasil. Conforme a entrevistada Luh Moura

“Foi um impacto muito bom, deu uma visibilidade, né? A um lugar que não tem... como se não existisse, né?” (Luh Moura, 2022). Nessa conjuntura, o impacto para a entidade filantrópica foi a divulgação do trabalho realizado, levando a um maior amparo à instituição – via apadrinhamento, doações e parcerias – por parte daqueles que passaram a conhecer o projeto social.

Diante do exposto, a Casa Aliança foi fundada por missionários italianos para atender as necessidades sociais do bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI, as quais não são supridas pelo “primeiro” e “segundo” setor. Através das atividades culturais e esportivas fornecidas na instituição filantrópica, os voluntários se utilizam de *táticas* para modificarem o espaço em que estão inseridos e oferecerem outras oportunidades para as crianças que frequentam o projeto. Aprofundaremos essa discussão mais adiante em nosso trabalho ao explanarmos o modo de funcionamento, atividades e parcerias da Casa Aliança, bem como a aplicabilidade do conceito de *táticas* nas práticas cotidianas dos voluntários.

2.2 Entre estigmas e fronteiras

Ao longo de sua atuação, a Casa Aliança tem enfrentado problemas não somente em relação à falta de estrutura urbana, econômica e social do bairro em que se encontra, como também precisa lidar com o estigma de pobreza atrelado à violência que pairam sobre ele. Segundo a historiadora Mariana Floracir de Moura (2016) esses estigmas foram historicamente construídos desde a sua formação devido às condições de infraestrutura urbana e social que perduram no bairro. A esse respeito, o ex-beneficiário e atual voluntário da instituição Anderson James relata:

Bom, é... o nosso bairro Parque de Exposição, infelizmente, é um bairro assim que é muito pobre, muitas famílias carentes, crianças que vivem jogadas, infelizmente. Para os outros... eu sou do bairro eu, para mim é um bairro que é super ótimo, eu recomendo. Gosto muito meu bairro, mas infelizmente é... muitas pessoas aqui da cidade de Picos têm preconceito do bairro. Muitos pensam que é um bairro, assim, perigoso, mas assim, no meu ponto de vista, não é. É um bairro que é carente, entendeu?! Muitas famílias carentes devido a gente não ter uma boa estrutura, mas é isso. (Anderson James, 2022).

Segundo o entrevistado, as pessoas de outros bairros têm preconceito com o bairro Parque de Exposição devido à pobreza e às precárias condições de infraestrutura urbana. As fotos abaixo mostram um pouco da precariedade do bairro enfatizada pelo narrador:



Figura 9: Praça Vereador Antônio de Lúcio, no bairro Parque de Exposição, em 3 de agosto de 2022.
Fonte: Jornal Cidade Verde.



Figura 10: Rua sem pavimentação e com esgoto a céu aberto no bairro Parque de Exposição, em 3 de dezembro de 2014.
Fonte: Portal Riachonet.

As fotografias supracitadas (figuras 9 e 10) encontradas em matérias jornalísticas virtuais mostram a Praça Vereador Antônio de Lúcio e uma rua¹⁷ sem pavimentação, com esgoto a céu aberto, no bairro Parque de Exposição. Cenas como essas mostram o descaso do

¹⁷ O nome da rua apresentada na *figura 10* não foi identificado na reportagem citada. Solicitamos esta informação aos depoentes, mas eles não tinham conhecimento da informação.

poder público frente aos problemas do bairro, ressaltados pela mídia em matérias jornalísticas como as presentes no jornal Cidade Verde intitulada *“Seis anos após inauguração, Praça no bairro Parque de Exposição está sucateada”* (2022), e no Portal Riachonet denominadas *“Qual a cara do seu bairro? Conheça a história e problemas no Parque de Exposição”* (2014), *“Lama e mato invadem ruas do bairro Parque de Exposição”* (2015), *“Falta de Infraestrutura do ‘Parque de Exposição’ revolta moradores”* (2018).

Essas notícias com títulos sensacionalistas não apenas evidenciam os problemas presentes no bairro como cristalizam o estigma de pobreza. Ademais, outras matérias como *“Homem baleado na cabeça no bairro Parque de Exposição vem a óbito”* (2022), divulgada no Jornal Cidade Verde, e *“PICOS | Igreja católica do bairro Parque de Exposição é alvo de arrombamento”* (2022), divulgada pelo portal jornalístico Cidades na Net, reforçam o estigma de violência atribuído historicamente ao bairro.

Acerca disso, a historiadora Mariana Floracir de Moura (2016) destaca que os estigmas com relação à população do bairro tiveram início nos primórdios de sua formação, a partir da década de 1980, decorrida por meio de doações de terrenos da Prefeitura Municipal de Picos durante a gestão do então prefeito Abel de Barros Araújo (1983-1988).

Em sua pesquisa, a autora destaca que as primeiras habitações presentes no bairro supracitado foram descritas pelos entrevistados como casas feitas de taipa, não havia água encanada, ruas traçadas ou calçamento. Contudo, esse lento desenvolvimento ocorreu também em outras áreas da cidade de Picos, como nos bairros São José, Boa Vista e Centro, mas como o bairro Parque de Exposição foi formado a partir de doações de terrenos a quem não possuísse moradia, como agricultores e pessoas de baixa renda, ele passou a ser visto como um local que agregava pobres e favelados.

As suposições cristalizaram-se no imaginário popular picoense, principalmente, devido aos discursos proferidos pela mídia (1990-2000) com singular ênfase à pobreza e precariedade do bairro. Por conta disso, seus moradores passaram a ser discriminados devido aos significados atribuídos ao bairro em que residiam e, conseqüentemente, passaram a carregar esses estigmas consigo por conta de seus endereços.

Posteriormente, o estigma da pobreza passa a ser atrelado ao de violência, haja vista que a partir de 1998 José Neri de Sousa, prefeito da época, doa pequenas casas populares a garis. Essas construções conhecidas como “casinhas” passaram a ser vistas como o local mais pobre e violento da cidade de Picos porque a localidade era perigosa devido a assaltos que lá ocorriam, discurso persistente até os dias atuais. A autora confirma no seu estudo o estigma de pobreza, mas nega que esta pobreza estaria atrelada à criminalidade, visto que os outros bairros da cidade

de Picos também apresentam elevados índices de violência e, muitas vezes, mais expressivos que o bairro em questão.

Semelhante modo, o historiador Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007) destaca em sua dissertação de mestrado que a cidade de Timon, no Maranhão, passou por um lento processo de desenvolvimento e afirma que em 1980 – mesmo período de formação do bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI – as pessoas usavam água de um chafariz presente no local e utilizavam lamparinas para iluminar as residências porque na cidade não havia água encanada e nem energia elétrica em todas as residências. Segundo o autor, o desenvolvimento urbano nas cidades interioranas brasileiras ocorreu de modo mais lento devido à escassez de recursos nas cidades advindos da centralização política do governo militar.

O autor destaca ainda que os moradores da cidade maranhense enfrentaram estigmas de *cidade-dormitório* e *cidade-sem-lei*, os quais foram historicamente construídos e cristalizados pela mídia como os jornais impressos de 1980 *O Dia* e *O Estado*, porque muitas pessoas moravam em Timon, mas passavam a maioria do tempo fora, pois trabalhavam e estudavam em Teresina. Além disso, esses jornais frequentemente preenchiam o espaço reservado para as matérias referentes aos timonenses com notícias relacionadas à violência e problemas de cunho infraestrutural, o que contribuiu para representá-la no imaginário popular como pobre, violenta e suja, assim como ocorreu com o bairro Parque de Exposição na cidade de Picos-PI.

Através do seu livro “Estigma”, o sociólogo Erving Goffman (1988) entende que o termo “*estigma*” foi cunhado pelos gregos para se referir a sinais físicos que identificavam o status moral de quem os apresentava. Portanto, quem tinha esta marca era considerado sujo ou poluído e deveria ser evitado. Embora outros significados tenham surgido ao longo da história do mundo ocidental, a ideia de depreciação continua até hoje.

Goffman também explica que as sociedades categorizam as pessoas e formam grupos com base em características comuns. No entanto, indivíduos de determinados grupos sociais podem apresentar características físicas, mentais e/ou morais que os diferenciem do grupo ao qual dizem pertencer. Essa propriedade que Goffman chama de atributo não é estigmatizante por si própria, mas é historicamente conferido um significado negativo a esse atributo. Nessa conjuntura, os cidadãos de Timon carregam consigo os atributos negativos de *cidade-dormitório* e *cidade-sem-lei*, e os moradores do bairro Parque de Exposição carregam historicamente os atributos de *pobreza* e *violência*.

Segundo a fala anteriormente supracitada do voluntário da Casa Aliança e morador do bairro Parque de Exposição Anderson James (2022), ele não considera o bairro como violento

e, sim, pobre. Esse discurso de pobreza vinculado ao bairro pode ser constatado através dos dados do IBGE presentes na tabela abaixo:

Tabela 1 – Renda média mensal dos moradores da cidade de Picos-PI.

Tabela 3170 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, Valor do rendimento nominal médio mensal e Valor do rendimento nominal mediano mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, por sexo, situação do domicílio e grupos de idade				
Variável - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento (Reais)				
Grupo de idade – Total				
Ano – 2010				
Situação do domicílio – Urbana				
#	Bairro	Sexo		
		Total	Homens	Mulheres
1	Jardim Natal - Picos (PI)	2.743,87	3.543,64	1.593,72
2	Canto da Várzea - Picos (PI)	2.259,18	2.990,94	1.582,87
3	Malva - Picos (PI)	1.769,92	2.265,97	1.378,72
4	Aerolândia - Picos (PI)	1.644,57	2.065,37	1.096,45
5	De Fátima - Picos (PI)	1.207,18	1.455,33	1.018,12
6	Centro - Picos (PI)	1.099,26	1.316,32	908,29
7	Ipueiras - Picos (PI)	1.091,86	1.310,12	857,71
8	Boa Sorte - Picos (PI)	921,35	1.115,42	721,15
9	Catavento - Picos (PI)	919,70	1.036,01	788,22
10	Bomba - Picos (PI)	906,73	1.038,17	776,49
11	Junco - Picos (PI)	889,96	1.019,39	751,74
12	Passagem das Pedras - Picos (PI)	885,10	1.048,97	709,36
13	Dner - Picos (PI)	875,68	1.042,44	665,69
14	Paraibinha - Picos (PI)	868,40	1.018,64	677,51
15	Bela Vista - Picos (PI)	797,51	946,89	615,20
16	Conduru - Picos (PI)	744,71	915,77	543,73
17	Paroquial - Picos (PI)	703,30	793,32	611,27
18	Pedrinhas - Picos (PI)	697,21	816,09	543,89
19	São José - Picos (PI)	692,13	818,26	554,96
20	Parque Industrial (Pantanal) - Picos (PI)	679,27	761,58	579,88
21	Marco de Sousa - Picos (PI)	658,28	808,40	487,56
22	Aroeiras - Picos (PI)	603,42	718,99	469,33
23	Trizidela - Picos (PI)	582,65	687,66	483,64

24	Parque de Exposição - Picos (PI)	566,89	634,69	487,13
25	Altamira - Picos (PI)	527,04	580,19	461,63
26	Boa Vista - Picos (PI)	514,15	604,94	401,56
27	Morada do Sol - Picos (PI)	459,95	565,34	346,35

Fonte: Censo demográfico do IBGE de 2010.

A tabela acima apresenta dados do Censo Demográfico do IBGE do ano de 2010 que mostra de maneira decrescente a renda média mensal *per capita* dos moradores de cada bairro da cidade de Picos. Como podemos notar, conforme os dados do IBGE (2010), o Parque de Exposição é um dos bairros mais carentes de Picos-PI, haja vista que se encontra ao final da tabela.

Em uma matéria sobre a Casa Aliança, o Jornal *Bom Dia Brasil* da Rede Globo de Televisão destaca que na instituição “são 230 crianças e adolescentes, do bairro Parque de Exposição, o mais pobre da cidade de Picos, interior do Piauí” (2016_ APROVAÇÃO..., 2020). Contudo, podemos averiguar através desses dados o bairro em questão é o quarto mais pobre da cidade com o salário médio de quinhentos e sessenta e seis reais e oitenta e nove centavos, superando o salário mínimo base de 2010 no Brasil que era de quinhentos e dez reais e, estando acima dos rendimentos médios mensais apresentados pelos bairros Altamira, Boa Vista e Morada do Sol.

Ademais, a ex-beneficiária e ex-voluntária Luh Moura ressalta que o bairro:

É perigoso, mas acho que já é muito das pessoas terem essa visão de que bairros mais periféricos é perigoso, porque as pessoas são pessoas ruins e que vai acontecer tudo de ruim ali. Sendo que eu até costumo comparar com o bairro Junco, que as pessoas têm como um bairro normal, né? Não tem é... coisas erradas que eles falam e eu sinto muito. Eu tenho mais medo de ir pro Junco do que andar aqui à noite. As pessoas já... já têm todo esse preconceito sobre o bairro, devido ser um bairro em estado de vulnerabilidade. Acha que as pessoas são ruins e não é isso não. É perigoso porque todo lugar é, mas não há esse estrondo que o povo fala não. (Luh Moura, 2022).

Acima, podemos verificar que durante seu relato oral, Luh Moura – assim como outros narradores – enfatizou que o Parque de Exposição é um bairro em estado de vulnerabilidade. Além disso, ela pontua em outros momentos de sua fala que a Casa Aliança tem o propósito de atender as famílias vulneráveis da localidade. Segundo o “Dicionário Crítico da Política de Assistência Social no Brasil” organizado por Fernandes *et al.* (2016), a palavra vulnerável vem do latim *vulnerabilis*, que significa ferir ou prejudicar. A vulnerabilidade tem, portanto, uma conotação negativa associada ao conceito de perda.

Nichiata *et al.* (2008) destacam que termo “vulnerabilidade” é amplamente utilizado na área da saúde desde a década de 1980 e geralmente se refere à suscetibilidade de um indivíduo e a problemas de saúde. Outras concepções sobre vulnerabilidade social podem ser encontrados no campo da política de assistência social. Em primeiro lugar, há uma concentração de pesquisas sobre o fenômeno da pobreza que sugere abordar diferentes tipos de desvantagens sociais. Para Abramovay *et al.* (2002) a vulnerabilidade social é definida como a insuficiência ou inadequação de recursos e competências de determinados grupos para fazer face às ofertas sociais que permitem o aumento da riqueza ou reduzem a probabilidade de deterioração das condições de vida dos atores sociais.

Diante disso, as análises de vulnerabilidade social não são feitas a partir de mapeamentos lineares e análises simplórias, uma vez que a pobreza¹⁸ não é o único fator de explicação para ela, pois a condição de “vulnerável” é uma qualidade heterogênea e multifacetada de maneira que se faz necessário analisar diversos aspectos. Para Cançado *et al.* (2014) “falar em riscos sociais não se restringe a situações de pobreza, mas está associado a um amplo espectro de situações, como o desemprego, dificuldades de inserção social, enfermidades, violência, etc”. Isso nos leva a perceber a multidimensionalidade que compõe o estado ou condição de vulnerabilidade.

Levando isso em consideração, podemos compreender que o bairro Parque de Exposição é vulnerável porque os seus moradores vivem em situações desvantajosas socialmente em diversos âmbitos e não apenas na perspectiva econômica. Com isso, eles estão constantemente suscetíveis à dificuldade de inserção social devido aos estigmas de pobreza e violência que assolam o bairro, enfermidades por conta das precárias condições de infraestrutura e saneamento da localidade, entre outros. Ademais, ao longo das entrevistas Luh Moura destaca situações de violência vivenciadas pelos beneficiários da Casa Aliança, como veremos mais adiante.

Além disto, para a narradora Luh Moura, o bairro Parque de Exposição – onde está situada a Casa Aliança – é perigoso assim como qualquer outra parte da urbe da cidade de Picos-PI. Ela declara que tem mais receio de frequentar outros locais à noite, como o bairro Junco, que não possui esses estigmas, do que a região supracitada. Segundo a historiadora Mariana Floracir de Moura (2016, p. 29) “os preconceitos vividos por seus moradores na atualidade

¹⁸ De acordo com Paulo de Martino Jannuzzi (2016), no “Dicionário Crítico da Política de Assistência Social no Brasil”, o conceito de pobreza refere-se a oportunidades desiguais para indivíduos e famílias obterem bens, serviços ou renda

(2015) advêm também de uma construção histórica que os coloca à margem da sociedade picoense, simplesmente por viverem nesse bairro”.

Devido a esses estigmas, tanto a entidade filantrópica como seus beneficiários acabam sofrendo com a falta de apoio devido ao medo que paira no imaginário de quem frequenta eventualmente ou rotineiramente esta localidade, mas não reside nela. Segundo Marilene, coordenadora da instituição, de maneira geral a própria Universidade Federal do Piauí não se reconhece enquanto parte integrante do bairro ao qual pertence e oferece pouco apoio a projetos como a Casa Aliança, dentre outros que lá existem.

É, eu só gostaria de dizer assim, pras, as pessoas, pra a universidade, principalmente aqui que é Universidade Federal. né? Que a... a Universidade Federal tá dentro do bairro Parque de Exposição, primeiramente, não é no Junco. É, uma coisa que eu, eu fico chateada, quando, a Universidade não assume, em dizer que é no bairro Parque de Exposição, porque, entrou ali na entradinha da UESPI, já é Exposição, querendo ou não. Então, já também, já sinto um pouco de discriminação. E dizer que a universidade realmente tem que trabalhar na comunidade, não só existe Casa Aliança, né? Existe outros projeto. Se não quiserem ir pra a Casa Aliança, mas existe outros projeto aqui. Existe outros setores que poderia tá ajudando. Então, assim, eu ainda acho muito pouco o sinal da Universidade Federal dentro do bairro. São alguns cursos, que já chegaram aqui na Casa Aliança. Mas é muito pouco. Tendeu? É muito pouco mesmo. E dizer que a Casa Aliança, ela é, ela é totalmente trabalho voluntário, ela vive de parceira, de apadrinhamento. Que ela realmente ela muda, destino. Ela transforma vidas. Né? Então durante esses dezenove anos de Casa Aliança, tantas vidas já foram mudadas, né? Muitas! Então, convidar as pessoas pra virem conhecer, e abraçar, né? O bairro. Não só a Casa Aliança, mas o bairro. A Universidade tem que tá dentro da bairro. (Marilene, 2022).

A narradora Marilene, no relato oral acima, afirma que há preconceito no tocante à origem geográfica, uma vez que a Universidade Federal do Piauí fica na entrada do bairro Parque de Exposição, mas se afirma enquanto pertencente ao bairro Junco. Mariana Floracir de Moura (2016) analisa em seu trabalho um dos mapas encontrados na Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Picos e verifica que:

A delimitação do bairro deixa de fora, o próprio Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – UFPI, ainda que este esteja localizada na rua onde se inicia o bairro Parque de Exposição. Não questionamos aqui por que a prefeitura municipal não considera a Universidade pertencente ao bairro. Mas ressaltamos o fato de que essa desvinculação da Universidade com um espaço marginalizado acaba por contribuir para a cristalização de ambiente menosprezado pelo poder público. (MOURA, 2016, p. 58).

Com isso, notamos que a própria delimitação do Parque de Exposição contribui para a estigmatização do bairro, pois a inclusão da UFPI/CSHNB nos limites dele auxiliaria na sua

valorização e dos projetos sociais presentes no bairro, como, por exemplo, a Casa Aliança e os demais projetos da Associação Aliança. Nessa perspectiva, Durval Muniz Albuquerque Júnior destaca que:

O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província de um Estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre, mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. Estes preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo cultural, no campo militar, no campo religioso e nos campos dos costumes e das ideias. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.11).

Desse modo, esses discursos estigmatizantes contra a origem geográfica de lugar são marcados pela vontade de verdade, através da repetição incessante e da generalização, uma vez que reduzem toda uma amálgama de experiências dos moradores do bairro Parque de Exposição apenas aos aspectos da violência em decorrência da pobreza e acabam sendo utilizados para defini-los em diferentes situações.

3 AÇÕES QUE CONSTROEM HISTÓRIAS E TRANSFORMAM VIDAS

Neste capítulo temos como intuito analisar à luz do conceito de *táticas* empregado por Michel de Certeau (2014) as atividades realizadas pelos voluntários da Casa Aliança, bem como as diversas parcerias estabelecidas para garantir o funcionamento da instituição.

Ao longo dos relatos orais percebemos que, para além de um ambiente socioeducativo, a entidade filantrópica se tornou um *espaço de sociabilidades* e um *lugar antropológico* que possibilita a construção de laços afetivos por meio das vivências, tanto para os voluntários como para os beneficiários que passaram por ela.

Assim sendo, discorreremos acerca das problemáticas enfrentadas pela instituição filantrópica para se manter financeiramente no contexto em que se encontra, bem como os impactos do projeto para os beneficiários por meio da análise das *táticas* empregadas pelos voluntários da Casa Aliança e a sua utilização como forma de resistência e desconstrução dos discursos estigmatizantes de pobreza e violência envolvendo a comunidade do bairro Parque de Exposição desde a sua formação.

3.1 Desenvolvendo a cidadania através da educação

Ao longo de sua atuação, a Casa Aliança tem desenvolvido atividades educativas e socioculturais com o intuito de prestar assistência às famílias com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Para isso, a entidade filantrópica conta com parcerias, doações, sistema de apadrinhamento e voluntariado como explicitaremos a seguir.

Nesse contexto, as atividades desenvolvidas pela Casa Aliança são: reforço escolar, leitura, informática básica, teatro, violão, dança, artes, culinária, atividades esportivas (vôlei e futsal), palestras educativas tanto para o público infantojuvenil como para suas famílias, flauta doce, canto-coral, bordado, capoeira, colônias de férias com gincanas culturais, ambientais e literárias, além de passeios e momentos de lazer. Exemplos disso podem ser vistos nas fotos a seguir, as quais mostram a primeira turma a usar a sede da instituição e, também, alguns deles na aula de informática quando havia somente dois computadores no local.



Figura 11: Primeira turma a usar a sede da Casa Aliança em meados de 2003.

Fonte: Facebook da Casa Aliança.



Figura 12: Aula de informática da primeira turma da Casa Aliança, em meados de 2003, quando havia apenas dois computadores.

Fonte: Facebook da Casa Aliança.

Vemos nas fotografias jovens, pais e responsáveis das crianças, sendo atendidos pela Casa Aliança. Na *figura 11* há seis mulheres com aventais e um homem segurando uma sacola de tecido. Eles fizeram parte da primeira turma de artesanato da Casa Aliança. Já a *figura 12*, mostra a missionária Daniela Marchi ministrando uma aula de informática para alunos da instituição filantrópica. À luz de Certeau, entendemos que através dessas atividades os voluntários se comportam como heróis comuns, ao realizarem trocas sociais, ensinando o que sabem às crianças e adolescentes e possibilitando-as se livrarem do estigma de pobreza atrelado à violência historicamente atribuído ao bairro Parque de Exposição. Por meio delas, a Casa Aliança presta os mesmos serviços para a comunidade do bairro Parque de Exposição desde a sua fundação, mas como o trabalho é realizado através do voluntariado, em muitos momentos

a falta deles causa desfalque no desempenho do projeto. A esse respeito, a entrevistada Luh Moura destaca que:

Sim, muda algumas coisas – às aulas – porque às vezes falta o voluntário, né. Mas sempre foi... foi teatro, dança, violão, computação, leitura, reforço, bordado. Às vezes falta porque não tem o voluntário pra... pra tá ajudando, dando esse suporte (Luh Moura, 2022).

Nessa conjuntura, percebemos durante as entrevistas e observação das atividades da instituição que a ausência de voluntários para realização de algumas oficinas (bordado, xadrez, artes, por exemplo) que estão na grade curricular da instituição ou mesmo a falta injustificada de algum voluntário pode desorganizar a rotina de atividades das crianças, deixando-as ociosas por alguns instantes. Isso ocorre porque tudo na Casa Aliança acontece através do voluntariado, então se falta alguém para ministrar uma oficina de determinada área, logo aquela oficina terá que ser retirada do cronograma de aulas.

Desse modo, quando há poucos voluntários ou quando algum professor titular se ausenta sem aviso ou por alguma falha de comunicação, as chances de que as crianças fiquem sem atividades são enormes. O mesmo pode ocorrer quando faltam materiais para trabalhar com as crianças, como, por exemplo, papéis e lápis de cor para as aulas de artes ou instrumentos para as aulas de música. Essas são problemáticas presentes na entidade filantrópica que dificultam a execução das atividades pelos voluntários.

Além disso, a narradora Luh Moura destaca que as áreas de intervenção social escolhidas pela Casa Aliança para desenvolver com as crianças e adolescentes são uma maneira de atrair a atenção deles para que a instituição possa agir em outras áreas. Sobre isso, ela destaca que:

Eu, eu creio que assim que... que são por onde a gente chama a atenção, né? E a maioria dos jovens e crianças gosta de dançar é... a aula de teatro, muitos não entendem o porquê é, mas aí a gente já traz pra eles tirarem essa inibição pra ajudar nas aulas deles na escola, a serem pessoas mais comunicativas. Já que eles ainda não entendem o motivo real assim do teatro, a gente usa pra isso. Tem a questão do artesanato que ajuda muito, questão de paciência, de ensinar algo né, de você aprender a criar alguma coisa, estimula muito a criatividade das crianças. Tem a questão da culinária que muitos gostam, inclusive tem muitos que aprendem lá e já leva pra casa. Às vezes ajuda até a mãe a fazer alguma coisa para ter uma fonte de renda extra. Então, tudo tá interligado nessa questão de ajudar no algo a mais, não só lá. (Luh Moura, 2022).

Ao longo de sua fala a narradora cita várias atividades desempenhadas pelo projeto, com o auxílio dos voluntários, e uma delas é a culinária. Para Michel de Certeau (2014), cozinhar é

uma prática cotidiana que corresponde às características e astúcias das *táticas*, uma vez que essa é uma atividade historicamente desempenhada por mulheres tidas socialmente como seres mais frágeis, as quais são responsáveis por desempenharem funções de caráter inferior. Contudo, o autor nos mostra que ao cozinhar a pessoa tem a possibilidade de se utilizar de modo hábil daquela ocasião para burlar esse sistema e não somente ter o prazer de comer pratos simples, mas manipular a matéria-prima, modificar, combinar, organizar e inventar. Em consonância, Luce Giard (2009) – em coautoria com Pierre Mayol e Michel de Certeau no segundo volume da obra “A invenção do cotidiano” – discorre que do mesmo modo que se prepara uma canção festiva sendo tomado pelo ritmo durante a sua composição ou se pinta um quadro atenta e alegremente, tem-se o prazer secreto de cozinhar.

À luz da ótica de Certeau, podemos entender que embora o ato de cozinhar seja considerado por muitos uma prática minoritária ou subalterna e típica das mulheres, através das oficinas de culinária na Casa Aliança os voluntários conseguem ensinar aos beneficiários muito mais do que cozinhar e comer pratos simples e deliciosos, mas os instruem a manipular os alimentos, modificar as receitas, combinar temperos, organizarem-se dentro do ambiente culinário e inventarem ou criarem receitas com base naquilo que eles já sabem. Como relatado pela narradora Luh Moura, isso se torna uma prática na instituição quando eles passam a utilizar o que foi aprendido com os voluntários em suas casas, auxiliando os pais no cotidiano do lar.

Nessa conjuntura, a entidade filantrópica presta assistência ao beneficiário e sua família, buscando integrá-los no projeto para que através das atividades educativas e socioculturais possam se distanciar de um potencial envolvimento com drogas, problema que insiste e persiste no bairro ao longo dos anos, e de uma possível vida de criminalidade.

Para realizar tal trabalho, a Casa Aliança conta com o apoio financeiro das madrinhas e padrinhos que contribuem mensalmente com um determinado valor para que o projeto possa se sustentar e atender as demandas dos infantojuvenis. Uma das madrinhas do projeto é a Isabel Santos, que foi aluna e voluntária, mas hoje busca ajudar de outras maneiras.

Hoje em dia eu participo, eu tento é... contribuir de outras formas. Tanto que hoje eu sou madrinha do projeto, né? Eu não tenho mais como contribuir como voluntária, porque eu trabalho, assim, de segunda à sábado, então, de manhã e de tarde, enfim. Eu não tenho muito acesso pessoalmente ao projeto, mas eu conheço boa parte de quem faz o projeto. (Isabel Santos, 2022).

Além do sistema de apadrinhamento, a Casa Aliança conta com ajuda dos voluntários, parcerias e com doações de pessoas solidárias. Até o ano de 2017 a instituição contava com o apoio financeiro dos italianos que fundaram o projeto. Estes, tiveram que encerrar as doações

para se dedicar a projetos em outros países, como ocorreu na República do Congo. Essas informações foram destacadas no relato oral da coordenadora Marilene.

Então, a Casa Aliança ela... ela nasceu, né, com os missionários italianos, né, que era aqui da Paróquia São Francisco de Assis. Até 2017 eles... eles faziam uma doação para o nosso projeto. Aí de 2017 pra cá, a gente não recebe mais, né? Eles tinham todo ano, eles faziam uma doação fixa a gente sabia que eles ia fazer aquela doação, mas devido eles está também com um projeto na República do Congo na África, a gente já tinha sido avisado que só ia ser até 2017. No momento a Casa Aliança, não tem parceria com os órgãos nem Municipal e Estadual, a gente não recebe. As nossas parcerias são o quê? Com Mesa Brasil, né, com o Instituto Federal, o IFPI, as Universidades. Que tipo de parceria? Eles vêm oferecer curso, ministrar palestra, fazer atividade com as crianças. Financeiramente a gente não tem parcerias com ninguém. (Marilene, 2022).

Como supracitado, a Casa Aliança se mantém atualmente por meio de colaboradores e parcerias. A primeira parceria ressaltada pela entrevistada é o programa Mesa Brasil SESC, que age no combate à fome e desperdício de alimentos através da ajuda de mais de 3 mil doadores parceiros, dentre os quais incluem-se produtores rurais, atacadistas e varejistas, indústrias de alimentos que doam para o Banco de Alimentos do Mesa Brasil SESC produtos que não estão nos padrões de comercialização, mas que ainda servem para o consumo humano. Após isso, os mantimentos são distribuídos às pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica e nutricional atendidas por instituições previamente cadastradas, como o caso da Casa Aliança. Ao longo dos relatos orais, uma das entrevistadas destacou que:

É... a gente mantém parcerias, né? A gente mantém parcerias como por exemplo a Mesa Brasil que é uma ajuda muito grande. [...] Que eles trazem à questão de verduras, frutas, né, e fazem essa doação pra Casa Aliança. [...] A gente sempre procura é... cesta básica, até mesmo Mesa Brasil, quando leva que é muita coisa, a gente separa e aí liga pra cada mãe ou manda o menino – “Óh, diga a sua mãe para vir aqui buscar” – a gente sempre tenta ajudar as famílias no todo dessa forma. (Luh Moura, 2022).

O programa Mesa Brasil SESC auxilia a Casa Aliança através de alimentos que servem para o consumo, mas que não estão bons para a venda porque muitos deles estão próximos ao vencimento, por exemplo. Isso pode ser visto nas fotografias abaixo:



Figura 13: Doação de frutas fornecidas pelo Programa Mesa Brasil para serem distribuídas entre as famílias, em 15 de abril de 2020.

Fonte: Facebook da Casa Aliança.



Figura 14: Doação de alimentos fornecidos pelo Programa Mesa Brasil para serem distribuídos entre as famílias, em 22 de julho de 2021.

Fonte: Facebook da Casa Aliança.

As fotografias mostram o recebimento de frutas e cestas básicas recebidas do Programa Mesa Brasil SESC para a distribuição entre as famílias da Casa Aliança. Salientamos que as fotos supracitadas saltam ao nosso recorte temporal porque não encontramos registros mais remotos. Contudo, a parceria com o programa foi firmada em 20 de outubro de 2004 e permanece até o presente momento. Nessa conjuntura, alguns desses produtos ficam na entidade filantrópica para serem utilizados no lanche das crianças, mas dependendo do prazo de validade

ou da quantidade enviada para a instituição, os voluntários separam esses alimentos e distribuem entre os pais ou responsáveis das crianças e adolescentes, como destacou a narradora Luh Moura. E, caso a quantidade seja grande o suficiente, é feita a distribuição com o restante da população do bairro.

Diante disso, podemos perceber ações como a desempenhada pela Casa Aliança em parceria com o Mesa Brasil como uma *tática*, uma vez que em tese uma alimentação de qualidade e nutritiva não chegaria à mesa do subalterno devido à sua condição de renda, a qual não lhe possibilita adquirir esses alimentos. No entanto, ao estabelecerem essa parceria com o programa do Sesc e se disporem a distribuírem esses alimentos à população carente do bairro, esses voluntários estão burlando essa ordem social através de suas práticas.

Outros parceiros destacados pela coordenadora Marilene são o Instituto Federal do Piauí – IFPI, a Universidade Estadual do Piauí – UESPI e a Universidade Federal do Piauí – UFPI que realizam oficinas na Casa Aliança. Conforme Anderson James de Moura Leal¹⁹, “um exemplo foi a do IFPI, que teve recentemente, referente a... a aprenderem a fazer produtos de limpeza” (Anderson James, 2022). Ademais, outras maneiras que essas instituições encontram para ajudar a Casa Aliança são cedendo o espaço para a realização de atividades rotineiras e exercendo atividades e projetos de extensão, como destaca a coordenadora Marilene:

Tem alguns professores, alguns cursos que vem nos procurar, né, que quer fazer um projeto de extensão aí mostra o projeto e aí eles marca, tem o período de desenvolver o projeto. A gente já teve um projeto aqui de Sistema de Informação que eles ministraram quatro cursos... quatro cursos aqui pra o nosso público. Aí foi mais ou menos uns 6 meses, entendeu? Mais ou menos assim. (Marilene, 2022).

Segundo a narradora, os professores e alunos de instituições educacionais como IFPI, UESPI e UFPI desenvolvem frequentemente atividades de extensão que beneficiam ao público infantojuvenil, alcançando muitas famílias que fazem parte do projeto. Diante disso, salientamos que outras ações de extensão foram realizadas na instituição filantrópica Casa Aliança como, por exemplo, o projeto desenvolvido por alunos e professores do curso de Comunicação Social da UESPI que, posteriormente, publicaram o relato de experiência em

¹⁹ Anderson James de Moura Leal, 27 anos, nasceu em 1 de fevereiro de 1995, em Picos-PI. Graduando em administração pela UAPI. É casado e não possui filhos. Mora em Picos-PI, no bairro Parque de Exposição, desde o seu nascimento. Participou da Casa Aliança como beneficiário dos anos 2006 a 2011 e como voluntário dos anos 2012 a 2014 e de 2019 a 2022. Portanto, tem vasto conhecimento empírico sobre o objeto de estudo desta pesquisa. Concedeu entrevista para este trabalho em 10 de agosto de 2022, presencialmente, no campus da UFPI-CSHNB. Ademais, salientamos que o entrevistado prefere ser chamado neste trabalho apenas como Anderson James, portanto, utilizaremos daqui por diante apenas esta nomenclatura para nos referirmos a ele.

forma de artigo que foi intitulado como “*A Comunicação nos movimentos sociais: um estudo sobre a Casa Aliança, no Sertão piauiense*” (DE SOUSA, 2015).

Assim, os autores De Sousa *et al* (2015) realizaram na Casa Aliança o projeto “*Inclusão digital e comunicação*” que tinha como objetivo a conscientização da importância da comunicação como ferramenta de disseminação social dentro dos movimentos sociais. Nesse aspecto, a iniciativa era vinculada ao projeto Formação de Comunicadores Comunitários e Populares do Sertão do Piauí, realizado na Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Barros Araújo, na cidade de Picos. Essa ação contribuiu para afluir a criticidade dos jovens e fomentar a importância da instituição para a comunidade.

Seguindo essa mesma perspectiva, outros professores e alunos das áreas de enfermagem e nutrição da UFPI-CSHNB realizaram um projeto de extensão com as crianças e adolescentes da Casa Aliança sobre educação em saúde e também publicaram seus relatos de experiências em formato de artigo, o qual foi intitulado como “*Relato de experiência: vivências de extensão na comunidade*” (DE SOUSA FERNANDES, 2016). Dessa maneira, através desse projeto os autores De Sousa Fernandes *et al* (2016) contribuíram para ampliar o conhecimento dos beneficiários sobre algumas doenças e patologias. Para tanto, foram utilizadas como metodologias educativas as imagens, caça-palavras, gestos e jogos educativos com o intuito de facilitar o aprendizado.

Apesar de estarmos no final do nosso recorte temporal, destacaremos ainda a parceria feita no final de 2019 e início de 2020 entre a UFPI-CSHNB e a Casa Aliança, por meio do Projeto de Extensão *Tempus* – Teatro Experimental Universitário em Estudos Históricos. Nessa ação colaborativa foram realizadas algumas atividades artísticas com os infantojuvenis, como destaca Geisa Vitória Brito Olimpio²⁰:

Houve uma reunião entre os voluntários antigos, né, os que desejavam ser voluntários na Casa Aliança, junto com os gestores e as... e as pessoas que fazem a Casa... a Casa Aliança funcionar. É... e o intuito da reunião... estiveram presentes nessa reunião os integrantes do *Tempus* dos integrantes tiveram é... dos integrantes do *Tempus* estavam presentes: eu, Geisa Vitória Brito Olimpio, Jaqueline, Rafael e Luana Moura e o professor, né, coordenador do projeto, o Raimundo Nonato Lima dos Santos. Tiveram

²⁰ Geisa Vitória Brito Olimpio, 26 anos, nasceu em 14 de agosto de 1996, em Itabuna-BA. Graduanda em História pela UFPI-CSHNB. É solteira e não possui filhos. Mora em Picos-PI, no bairro Junco, desde 2019. Participou como voluntária da instituição durante uma parceria da Casa Aliança com o grupo teatral *Tempus* da UFPI-CSHNB. Portanto, possui conhecimento empírico sobre o objeto de estudo desta pesquisa. Concedeu entrevista para este trabalho em 17 de setembro de 2022, via plataforma digital WhatsApp, devido à solicitação dela em decorrência de sua intensa jornada de trabalho. Ademais, salientamos que a entrevistada não desejou a utilização de codinomes para nos referirmos a ela, preferindo ser identificada por seu nome completo ao longo deste trabalho.

também presentes é... alunos da UESPI e... é... a reunião teve o intuito de apresentar Casa Aliança e delimitar como cada um poderia contribuir para a Associação com o trabalho volun... voluntário. Eu então fiquei pra ministrar aulas de teatro nas segundas e terças-feiras, de oito da manhã até às dez horas, juntamente com a outra integrante do *Tempus* que era a Luana Moura. Então, a gente... então, começamos a ministrar essas aulas para crianças e adolescentes. Desenvolvíamos atividades é... práticas, né, com as crianças, e utilizávamos então o que tínhamos apreendido, né, sobre a arte teatral, utilizamos das teorias de Brecht, Stanislavski, os conhecimentos teóricos e práticos que adquirimos no *Tempus*. [...] Enfim, com a pandemia, né, foram interrompidas as atividades na Casa Aliança [...] Então, cada vez mais eu acabei me afastando devido esse contexto de pandemia da Casa Aliança e acabei por... parando as atividades. Não houve necessariamente, um feedback relacionadas a atividades que a gente estava realizando no... na Casa aliança, porque não houve tempo para isso, né, a gente não tinha nem um mês que estávamos ministrando as aulas, eu e Luana Moura, quando ocorreu a pandemia e tudo teve que fechar pressas, né, a gente não estava... ninguém estava preparado para essa realidade. Então, acabou que o... essa, essa parceria foi se perdendo, né. Não houve uma data assim – “há vamos finalizar as atividades” – mas acabou que foi se perdendo pela circunstância mesmo da pandemia, né que afetou a todo o mundo. (Geisa Vitória Brito Olímpio, 2022).

Como salientado pela entrevistada, a parceria se deu não só entre a UFPI-CSHNB e a Casa Aliança, mas envolveu professores e alunos da UESPI também. As atividades desenvolvidas pelo grupo teatral *Tempus* tinham o intuito de ensinar as bases teatrais aos alunos, formando-os através da arte para que, caso desejassem seguir carreira no campo das artes cênicas, já tivessem uma base na busca pela profissionalização. Tal como ocorreu, por exemplo, com os entrevistados Pedro e Luh Moura, citados ao longo deste trabalho, de tal forma que ambos tiveram aulas de teatro na instituição, o que fomentou neles o desejo de atuar profissionalmente na área.

Cabe ainda ressaltar que os ex-beneficiários da Casa Aliança Pedro e Luh Moura passaram a utilizar profissionalmente seus conhecimentos das artes cênicas, participando como ator/atriz de espetáculos teatrais, filmes e novelas e ainda como influenciadores digitais²¹. Em decorrência da pandemia de COVID-19 que ocorreu em março de 2020, as atividades foram paralisadas e a parceria foi se desfazendo devido às condições sanitárias do Brasil e do mundo.

A Casa Aliança ainda conta com auxílios de outros parceiros, como a *Lavanderia Aliança*, que ajuda via serviços gerais prestados na cozinha, nas oficinas e quando é preciso

²¹ A pedido de Pedro não podemos informar quais foram seus trabalhos artísticos. Já em relação a Luh Moura podemos informar que ela foi integrante do Grupo teatral TEMPUS, no período de 2018 a 2019, tendo participado como atriz dos espetáculos teatrais “Overdose”, “A energia que vem do povo”, “Matemática do Amor” e, “Entre rosas e espinhos”. Atualmente atua como influenciadora digital no Instagram, com a conta @luh.moura03 (<https://www.instagram.com/luh.moura03/>).

acompanhar as crianças em atividades fora da instituição, dentre outras atividades; a *Virtex* há cerca de dois anos fornece internet para auxiliar no desenvolvimento das atividades; o *Barroso Móveis* doa os excedentes de madeiras utilizados no desenvolvimento de atividades com as crianças e adolescentes; a *Clínica Alencar +Odonto* pertence a um dos padrinhos da entidade filantrópica, o dentista Álamo Alencar, este auxilia prestando serviços de forma que todas as quartas-feiras duas crianças e/ou adolescentes são assistidas com atendimento odontológico básico; a *Escola José de Deus Barros*, a UFPI/Picos, o *Centro Educacional Maria Gil Medeiros* e a *Paróquia São Francisco de Assis* contribuem com o projeto cedendo o espaço para a realização das atividades, como, por exemplo, festas, colônias de férias e, também, atividades esportivas realizadas no *Centro Educacional Maria Gil* nas quartas-feiras à noite.

Ademais, a *Artim Placas* apoia confeccionando cartazes e banners para a instituição; já o *Juizado Cível e Criminal da Comarca de Picos* envia alvarás para a Casa Aliança; o *Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac* auxilia na formação de adolescentes e voluntários por meio do programa gratuidade, via cursos como enfermagem, assistente administrativo, entre outros; já o *SEST SENAT* contribui cedendo o espaço e fornecendo cursos de formação para as famílias beneficiadas e para os voluntários; a *Multiveículos* contribui por meio de um dos sócios, que é professor do IFPI e doa tanto financeiramente como em serviços através da ministração de palestras; a *Analeny Cerimonial* auxilia realizando ornamentações das festividades e eventos; através do auxílio do *Projeto da Secretaria Municipal de Cultura pela lei Aldir Blanc* a instituição conseguiu adquirir bebedouro, alguns materiais, ventiladores, dentre outros; *Arnailton Designer* contribui fazendo as artes, folders e panfletos; e o *Programa de Aquisição de Alimentos em parceria com o Programa de Alimento Saudável da Secretaria de Estado da Agricultura Familiar* auxiliam doando alimentos.

Através dessas parcerias, os voluntários se utilizam de *táticas* ao modificar o bairro Parque de Exposição, ainda que permaneçam nele, uma vez que os infantojuvenis e suas famílias pertencentes são sujeitos subalternos, haja vista que ao residirem em um bairro pobre e estigmatizado ficam à margem da sociedade. Contudo, eles conseguem através do trabalho realizado pelos voluntários e as parcerias estabelecidas com a Casa Aliança ter acesso a serviços que outrora não lhes era possível porque o Estado não dá conta de assisti-los adequadamente como, por exemplo, com atendimento odontológico de qualidade, atividades socioculturais e educacionais, oficinas e cursos profissionalizantes.

Nessa conjuntura, a Casa Aliança também é apoiada por alguns pais de beneficiários e ex-beneficiários da instituição para conseguir realizar suas atividades, como destaca um dos entrevistados:

Os pais e mães, né, alguns já participam diretamente do projeto. Alguns são voluntários do projeto, alguns ajuda na parte da organização, limpeza e de cozinha. Os demais pais, eles geralmente participam de alguma atividade quando vem oficinas de fora, né. Um exemplo foi a do IFPI, que teve recentemente, referente a... a aprenderem a fazer produtos de limpeza, né, aí foi selecionada uma relação de pais e esses pais participaram, juntamente com nós, voluntários do projeto a aprender dessa oficina. (Anderson James, 2022).

Como salientado pelo voluntário Anderson James, a Casa Aliança busca ainda englobar os demais pais – e a família na totalidade – que não participam como voluntários nas atividades que a instituição realiza por meio de oficinas, palestras, atividades educativas, minicursos, dentre outras. Essa abrangência à família foi ressaltada no relato oral de uma madrinha do projeto, Isabel Santos:

A família, ela é... englobada nas... nas atividades que... que são gerais, né? Digamos assim, em algumas atividades de... reuniões, de... atividades de... datas comemorativas, né? De família, dia das mães, dia dos pais. Reuniões, doações, de... alimento, doação de... várias coisas que, aparecem no projeto a família está inserida, né? (Isabel Santos, 2022).

Com isso, a Casa Aliança tem desempenhado junto às famílias do bairro Parque de Exposição a função de assistir o público infantojuvenil em situação de vulnerabilidade socioeconômica, oferecendo oportunidade de educação, saúde, cultura, esporte e lazer, contribuindo não somente para a qualidade de vida das famílias, mas também para o bairro em si.

Para além da função social, a Casa Aliança tem um papel muito importante no tocante à educação, pois as crianças e adolescentes têm aulas de reforço escolar na instituição, além de serem instigados a desenvolverem o hábito da leitura. Cabe ressaltar que são constantemente estimulados a darem prosseguimento aos estudos, como salienta o narrador Pedro:

A Casa Aliança ela contribui para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos jovens é... de algumas formas. Uma delas é através da conscientização. É sempre feito esse trabalho de conscientizar as crianças e adolescentes a respeito da educação, o quanto ela é importante, o quão ela pode ser uma ferramenta de transformação nas nossas vidas. A Casa Aliança também oferece oficina de leitura, uma oficina que é obrigatória dentro da Casa Aliança, você não pode participar de outras atividades, outras oficinas, se você não estiver assíduo na leitura. Também é oferecida a oficina de reforço escolar, né, para ajudar as crianças e adolescentes que tão com alguma dificuldade, alguma deficiência em qualquer matéria escolar ou até mesmo só pra ajudar ali na resolução dos exercícios de casa, né, nas lições de casa. Ao longo do ano são feitas várias palestras com profissionais de várias áreas, são feitas visitas Campus das Universidades e faculdades da cidade, fora que as próprias atividades em si que a Casa Aliança desempenha podem despertar

nos jovens o desejo de tornar aquilo uma profissão, né? Como tiro eu, por exemplo, onde eu participei por vários anos das oficinas de teatro da Casa Aliança e aquilo despertou ainda mais o desejo em mim de trabalhar com as artes cênicas. (Pedro, 2022).

Como supracitado pelo ex-beneficiário e ex-voluntário Pedro, a Casa Aliança fomenta o anseio pela leitura, estudos e auxilia nas atividades escolares no contraturno, já que “a maioria das mães também não tem uma instrução pra ensinar” (Luh Moura, 2022), de maneira que muitas dessas crianças aprendem a ler e escrever com os voluntários na instituição. No tocante à educação dos adolescentes, a coordenadora Marilene ressalta ainda que:

Então, a Casa Aliança assim... A gente aqui tem várias atividades, né, entre elas a gente a questão do reforço escolar e também a gente tem a questão de parcerias. Por exemplo, a gente já teve algumas parcerias no tempo que... que tá aproximando do Enem aí a gente consegue algumas parcerias pra incentivar esses jovens que vão prestar, né, vestibular. Mas tudo através de parceria, de trabalho voluntário, entendeu? (Marilene, 2022).

Nesse contexto, os adolescentes são auxiliados tanto pelos voluntários da Casa Aliança como de instituições parceiras quando vão prestar vestibular ou fazer provas como o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, de forma que os voluntários ensinam os conteúdos cobrados nesse tipo de prova. Ademais, a coordenadora Marilene ressalta os critérios para fazer parte da instituição:

Então, assim... aqui pra participar, primeiramente, pra participar da Casa Aliança tem que tá na escola. Então, a criança se tiver aqui e a gente souber que não tá estudando a gente procura inserir ela na escola, ver com a família porque que não tá na escola. Esse é o primeiro caminho, porque é das séries iniciais. Quando ele passa a estar no fundamental II, no Ensino médio o que é que a gente faz? A gente orienta eles, né, sobre a importância dos estudos e que eles devem estudar, como também quando eles tem alguma dificuldade a gente tenta buscar pessoas que possam auxiliar, ajudar eles tipo em alguma disciplina que eles têm com dificuldade. A gente caminha mais ou menos assim. (Marilene, 2022).

Como demonstrado, um dos critérios para participar da entidade filantrópica é estar assíduo na escola e, automaticamente, esse é um dos fatores que podem levar ao desligamento dela. Contudo, segundo os entrevistados, esse critério acaba servindo como um incentivo para que as crianças busquem melhorar na escola para continuar no projeto. Todavia, há outros fatores que levam ao desligamento da instituição, como destaca a orientadora social:

Então, assim... às vezes a criança vem de outro bairro ou às vezes a criança tá aqui tá es... tá estudando, aí vai morar em outro lugar aí quando volta, aí tem

aquele problema... já passou as avaliações, já passou os trabalhos. Um dos motivos são esses, né. E outro, às vezes é descaso da família. (Marilene, 2022).

Assim como evidenciado, vários são os fatores que podem levar ao desligamento da Casa Aliança. O primeiro é em relação à idade. O adolescente completa dezoito anos e não quer permanecer como voluntário, então ele é desligado do projeto. O segundo é devido à ausência, pois aqueles que não frequentam há um tempo por algum motivo de conhecimento ou não dos voluntários, como o caso das crianças em que a família se muda do bairro Parque de Exposição e enfrenta dificuldades de acesso à instituição, são desligadas para que outras crianças e adolescentes possam adentrar ao projeto.

Em muitos casos, a coordenadora Marilene destaca que a ausência do aluno se dá por descaso da família que não faz o acompanhamento adequado da criança ou adolescente no tocante à frequência e desenvolvimento das atividades propostas. Há também aqueles que passam a ter vergonha de participar da entidade filantrópica porque quando crescem acham que a “Casa Aliança é de criança. Têm outra mentalidade e eles mesmo vão se afastando”. (Luh Moura, 2022).

Para fazer parte da Casa Aliança as crianças e adolescentes precisam passar por um processo seletivo, como destaca a ex-voluntária Luh Moura:

Tem o processo seletivo, que geralmente é no começo do ano e no meio do ano, e aí você leva seus os documentos, cópia de registro de nascimento de pai é... das crianças. A mãe é quem vai, né, com a documentação das crianças e aí escolhe quais são as atividades que a criança prefere desenvolver. E... só esperar começar o ano letivo da Casa Aliança. [...] A partir de... de oito anos pra se matricular, mas sempre é... não tem problema. Às vezes tem um irmãozinho que é mais novo, vai também pra ir acompanhando, mas geralmente a partir de oito anos porque o artesanato às vezes tem que mexer com alguma coisinha... um produto, uma tinta, um... é melhor, maiorzinho um pouco. [...] É até os 18 anos. Mas a gente fala 18 anos, mas a maioria sempre prefere – “Ah, eu vou, agora eu vou ser voluntário” – né, deu 15, 16, – “agora eu vou ajudar. Agora eu não quero mais ser aluno”. (Luh Moura, 2022).

Como destacado, a seleção do público infantojuvenil se dá através do processo de inscrição que ocorre na instituição no começo e no meio do ano. A Casa Aliança atende crianças e adolescentes de oito aos dezoito anos. Porém, há exceções como o caso de irmãos com idade inferior que acompanham alguma criança já matriculada nas atividades do projeto e adolescentes que se tornam voluntários e acabam ficando na entidade filantrópica para além dos dezoito anos. Apesar de atender prioritariamente as crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica e que residem no bairro Parque de Exposição, a Casa Aliança atende pessoas

de outros bairros e que possuem boas condições financeiras, como continua salientando a narradora Luh Moura:

Tem crianças, que tem uma con... condição financeira legal, que participam também da Casa Aliança, pra ocupar esse tempo, que estão ociosos em casa, ou porque tem vontade aprender alguma coisa que em outro lugar aqui não ensina. Ou, se ensina você tem que pagar, por aquilo, né? (Luh Moura, 2022).

Assim, a Casa Aliança tem uma função não somente social, mas sociocultural ao oferecer um ambiente de interação que oferece subsídios sociais, culturais e educacionais para as crianças e adolescentes, independentemente da renda.

3.2 Um “lugar” para chamar de meu: construindo alianças em meio às sociabilidades e vivências da Casa Aliança

A Casa Aliança tem contribuído para o bairro Parque de Exposição – na cidade de Picos-PI – desenvolvendo atividades socioculturais, educativas e prestando assistência às famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Além disso, a Casa Aliança tem se tornado um espaço de sociabilidades, afetividades e construção de memórias não somente entre participantes, mas também com relação ao próprio espaço da instituição.

Segundo Raquel Rolnik (1995) a cidade é um espaço de sociabilidades que reúne pessoas. Com isso, entendemos que os bairros possuem espaços de sociabilidades – como a Casa Aliança presente no bairro Parque de Exposição – onde há aglomeração de pessoas, construção de sociabilidades e vivências.

Para a geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos (2007) podemos constituir apropriações com os diversos espaços citadinos conforme interagimos com o ambiente. Para a autora, um local pode se tornar um *lugar* ao se constituir vivências, relações de afetividades e sociabilidades com as pessoas e com o meio. Nessa perspectiva, Marc Augé (2012) cunhou o termo *lugar antropológico*. Para ele o *lugar antropológico* é simbólico, identitário, relacional e histórico. Diante disso,

Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. É porque toda antropologia é antropologia da antropologia dos outros, além disso, que o lugar, o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. (AUGÉ, 2012, p. 51).

Para o autor, o *lugar antropológico* é aquele lugar em que o indivíduo estabelece relacionamentos ao longo de sua jornada e desenvolve um laço identitário, pois é construído a partir das experiências vivenciadas de modo individual e coletivo.

Nessa conjuntura, a Casa Aliança tem sido ao longo dos anos um *lugar* e um *lugar antropológico* onde se estabelece sociabilidades, vivências e vínculos de maneira individual e com o coletivo, como veremos no relato oral a seguir:

Então, assim... a minha relação aqui com as crianças e com as famílias é intensa, né? Eu conheço as crianças, conheço o público que a gente atende, é... tenho muita afinidade, assim, com as crianças e com algumas famílias, convivo, sei onde cada uma mora. Entendeu? Tenho contato com elas diariamente até porque eu moro aqui no bairro, então eu convivo mais com elas. Tenho relação de amizade, né. (Marilene, 2022).

A coordenadora da instituição, Marilene, no relato acima, informou que no dia a dia tem uma relação muito intensa com as crianças, não somente por lidar com elas através das atividades da Casa Aliança, mas porque conhece os infantojuvenis, juntamente com suas famílias. E já que ela, as crianças e boa parte dos voluntários residem no mesmo bairro, as relações se tornam muito profundas devido à convivência, como destaca o narrador Pedro:

A minha relação com as pessoas que frequentavam a Casa, tanto alunos quanto voluntários, é uma relação de amizade mesmo, né. A Casa é um ambiente muito familiar e por conta de ser um projeto ali do bairro, as pessoas que frequentam são as pessoas do bairro você conhece, a maioria das pessoas. São primos, são seus amigos, são pessoas que moram na sua rua, pessoas que estudam na mesma escola que você. Então você conhece as pessoas que estão ali e só fortalece ainda mais os vínculos. E daí você leva muitas amizades da Casa Aliança pra vida. Eu tenho muitos amigos, amigos de verdade, que são da época da Casa Aliança que a gente sempre faz questão de se encontrar. Sempre que dá a gente tá sempre presente em várias etapas, vários momentos é... da vida uns dos outros. E eu acho isso, uma coisa muito linda da Casa Aliança porque, de fato é uma casa, é uma família e os vínculos que são criados e fortalecidos ali ficam pra a vida toda. (Pedro, 2022).

Como salienta o entrevistado, as relações de amizade e os vínculos se fortalecem à medida que convivem com as mesmas pessoas em diversos espaços do bairro Parque de Exposição. Isso ocorre porque muitas vezes as crianças e adolescentes encontram os colegas da Casa Aliança em outros locais como nas brincadeiras de rua e na escola, às vezes o voluntário da instituição filantrópica ou o pai de um amigo é o professor da criança na escola, dentre outros. Ademais, a narradora Luh Moura destaca que:

É muito boa, né. É questão de afastar porque às vezes... leva a gente para outros lugares que nem hoje eu num moro mais em Picos, mas é... sempre que

eu posso, ajudo. Sempre que eu preciso de ajuda, me ajudam, né. As crianças, ainda hoje é tia Luana pra a cá e tia Luana para lá, tão maior do que eu, mas é tia. Então, é uma família a Casa Aliança. [...] Tenho amizades até hoje que foram feitas na Casa Aliança. (Luh Moura, 2022).

Dentre os vários relatos orais, algo se destacou simultaneamente na fala de todos é o fato de considerarem a Casa Aliança como uma família devido às sociabilidades e os laços afetivos desenvolvidos nesse espaço. Frases como a expressada por Luh Moura, “Então, é uma família a Casa Aliança [...] Tenho amizades até hoje que foram feitas na Casa Aliança” (Luh Moura, 2022), foram notadas em outras entrevistas como de Anderson James e Isabel Santos ao declararem: “A gente considera uma família, né [...] foi através de lá que a gente criou um grande laço de amizade” (Anderson James, 2022), “Eu tenho uma relação muito boa de... relação de amizade mesmo com... com o pessoal que participou, que são meus amigos [...] o pessoal que coordena o projeto também, a gente tem essa relação de amizade” (Isabel Santos, 2022). Portanto, afirmações como essas, foram muito frequentes ao longo dos relatos orais de todos os entrevistados, evidenciando o suporte que tiveram na instituição, bem como a construção de uma memória coletiva.

Para Ecléa Bosi (2003, p.18) “há portanto uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe”. Nesse sentido, as vivências comuns experienciadas por todos os entrevistados e o fato deles considerarem a Casa Aliança como uma família e um local onde constituíram grandes amizades se trata de uma memória coletiva apoiada em valores e sentimentos.

Nessa conjuntura, a própria sede da Casa Aliança é pensada para que as crianças, adolescentes, familiares e voluntários tenham essa ideia de união e rede de apoio.

Assim, aqui era uma casa, né? Uma casa onde morava uma família. Então é uma casa adaptada. Você vê, são espacinhos pequenos, porque, pra a gente trabalhar com pequenos grupos. Aí a gente tem a primeira sala, que é maior, que dá pra fazer com grupo maior, as reunião com as mães, as atividade de dança, reunião com os jovens, tem a parte ali, do, do muro, né? Que a gente chama o pátio, que lá também serve pra refeitório, pra o lanche, e pra, pras outras atividades. E aí, assim, como a casa é adaptada, é uma casinha simples, né? Essa parte aqui de baixo, é uma casa simples, com... xô ver, uma, duas, três, quatro salas. Antigamente nossa cozinha era aqui. A gente já levou pra lá, né? Aí foi feita essa sala maior, a primeira, né? Que tá até no nível da rua, direitin, esse daqui, se a gente for fazer precisa de recurso, pra subir e tudo. Então é uma casa simples, adaptada pra, pra... as crianças terem na cabeça, que essa casa é tipo, símbolo de uma família, a gente não quer mudar, tendeu? Não quer mudar muito. A gente... A casa é onde mora a mãe, o pai, os irmãos, então o símbolo de uma família. (Marilene, 2022).

A seguir podemos averiguar que a Casa Aliança é uma casa, cuja divisão de salas, quartos, cozinha e banheiro foi adaptada para atender as necessidades da instituição filantrópica Casa Aliança. E, por manter a arquitetura de um prédio residencial comum às habitações da cidade de Picos, no Piauí, contribuiu para estreitar os laços afetivos entre alunos e voluntários.



Figura 15: Fachada da Casa Aliança em 2018.
Fonte: Facebook da Casa Aliança.



Figura 16: Fachada da Casa Aliança após a reforma, em 2019.
Fonte: Facebook da Casa Aliança.

Apesar da sede da instituição filantrópica funcionar em um espaço que antes era uma casa de família posteriormente adaptada para as atividades da Casa Aliança, a coordenadora destaca que eles não desejam mudar o formato dela, pois o prédio da instituição imprime a imagem e a mensagem que eles querem passar para as crianças e adolescentes, ou seja, um local

seguro que os acolhe e que eles podem desenvolver relações de sociabilidades e construir amizades, sendo assim um *lugar* e um *lugar antropológico*, constituindo uma segunda família na vida deles.

3.3 Subvertendo a ordem e encontrando possibilidades em meio aos desafios

Ao longo de sua atuação, a Casa Aliança tem enfrentado diversos desafios para se manter e prestar serviços assistencialistas para a população do bairro, como a falta de recursos e voluntariado, os estigmas e a problemática das drogas que assolam a população desta parte da urbe, dentre outros fatores que explicitaremos a seguir.

Conforme a coordenadora Marilene, um dos problemas que a Casa Aliança enfrenta diz respeito às famílias dos beneficiários que em alguns casos está alheia ao cuidado com as crianças e adolescentes. A esse respeito ela ressalta que:

Não, as... as situações difícil que a gente encontra às vezes, por exemplo, a questão do... do cuidado, né? Que as famílias têm com seus filhos. A gente que trabalha na instituição, a gente vê uma coisa errada e se calar. A gente tem que chegar na família, perguntar por que que tá acontecendo, por que que não tá cuidando da criança direito, por que que a criança num tá, é, limpa, por que que a criança tá, doente e ninguém cuida, tendeu? Aí às vezes, causa aquele mal estar, né? Porque as famílias não gostam de ser, cobrada, né? Não gosta! E às vezes quando a gente, vê, por exemplo, em família, que às vezes, maltrata, a criança e a gente souber, a gente vai conversar, a gente, às vezes conversa com o Conselho Tutelar pra conversar com aquela família. Então, assim, causa aquele mal estar, porque a família não quer, ser cobrada, né? Não quer. (Marilene, 2022).

Devido a isso, os voluntários da Casa Aliança relataram notar que muitas famílias querem o auxílio e os benefícios oferecidos pela instituição, mas não querem assumir o compromisso de cuidar da criança ou do adolescente e não gostam de serem cobrados no tocante à documentação, ao zelo, dentre outros.

Em casos de negligência, a coordenadora destaca que quando os voluntários percebem algum comportamento diferente, que possa estar relacionado a algo que aconteceu em casa, eles buscam conversar com as crianças e com as famílias para entenderem o que está acontecendo e buscar ajudar de alguma forma. Entretanto, há aqueles que se recusam conversar e cuidar da criança como deveriam. Nesses casos, a entrevistada pontua que é preciso que haja intervenção do Conselho Tutelar para tomar as medidas cabíveis, causando um certo atrito entre os familiares e os voluntários da entidade filantrópica. Segundo a lei:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, art. 227).

A Constituição Federal de 1988 responsabiliza a família, a sociedade e o Estado pelo cuidado com as crianças e adolescentes. Assim, independente da classe social, cultura, raça, etnia ou religião, devemos proteger os infanto-juvenis porque o artigo 227, reconhece-os como cidadãos, lhes garante os direitos fundamentais de sobrevivência, desenvolvimento pessoal, social, integridade psicológica, física e moral, e protege-os contra a discriminação, violência, crueldade, negligência, exploração e opressão.

Nesse contexto, averiguamos através dos relatos orais que os voluntários da Casa Aliança cumprem a sua função social no zelo pelas crianças e adolescentes, acompanhamento e, em casos extremos, buscam a intervenção de autoridades competentes como assistentes sociais e o Conselho Tutelar. Em relação ao cuidado com os infantojuvenis, Luh Moura narra um fato que aconteceu na instituição enquanto exercia o voluntariado:

É... teve uma situação de uma criança, né? Que che... tava muito triste, né? E aí o... a função do voluntário não é só dar aula, né? A gente... eu... eu falo, falo por mim, né? Eu era mui... muito apegada a eles, muito mesmo. E aí, se eu via que um tava meio tristonho, né? Aí eu já ia lá. E aí nesse dia, tava muito, muito triste, disse que não queria participar. “– Mas por quê?” “– Não, não quero!” E aí a minha mãe tava fazendo a merenda, e ela gostava muito da minha mãe, essa criança. Eu, “– Não, pois vai ficar com mãe, vai ajudar mãe ali a fazer a merenda”. Pra ver se ela... Aí mãe começou a puxar o assunto por ela. Aí ela falou que, que na casa dela, né? O pai dela colocou ela e os irmãos em cima de um... um colchão e tocou fogo. Pra fazer medo a eles. Então, como é que a gente vai lidar com isso, né? São situações que a gente nem sabe que existe. A gente sabe que existe mas não ali, perto de você, né? Crianças, que a gente tá, tá vendo que... a vida delas é caminhando pro lado errado, e aí a gente fica ali, óh. Sabe, tentando fazer essa barreira, pra que eles também, não sigam o mesmo caminho, muitas vezes dos pais, né? Que era o caso dessa criança. O pai e a mãe são pessoas que são, é... usuárias de droga, né? Já foram internados muitas vezes, eles já foram separados, são quatro irmãos. Já foram separados, já. É, já queriam mandar pra a adoção. Então, é um sofrimento que a gente sofre! (Luh Moura, 2022).

Conforme o relato da ex-voluntária Luh Moura, podemos perceber que as crianças da Casa Aliança vivem em estado de vulnerabilidade visto que muitas estão suscetíveis a situações de ameaças e violência no ambiente doméstico. Além disso, Luh Moura discorre sobre a constante problemática de drogas que assola o bairro carente interfere não só na qualidade de vida dos usuários, mas também das crianças, levando-as a sofrerem as consequências do que

elas podem causar na vida dos dependentes e seus familiares, além de influenciar crianças e adolescentes à dependência química e ao envolvimento com tráfico de drogas, como salienta a seguir:

A gente sempre procura, vai atrás, pergunta o porquê, vai na casa, mas está alheio à vontade, né? Porque a gente está lá realmente para resgatar. Tivemos bons exemplos, como também já tivemos ruins, né de... de adolescentes que tavam ótimos. Nossa, sabe? Tinha o futuro todo pela frente, mas se desviou e infelizmente morreu por questões de tráfico. Existe essa outra parte que é onde tem esses desligamentos. (Luh Moura, 2022).

Ao longo das entrevistas, questionamos os entrevistados se o uso de drogas estava restrito aos familiares do público infantojuvenil ou se a Casa Aliança já precisou lidar com algum beneficiário menor de idade que tenha se tornado dependente químico. A esse respeito, a ex-voluntária Luh Moura enfatizou que houve apenas um caso e a família se mudou do bairro logo em seguida.

É, tem... teve uma criança ultimamente, né? Aqui no bairro, que inclusive ela era minha aluna. É um menino, era meu aluno, né? E aí ele começou, a ser... aviãozin. E aí... Só que também é uma situação muito difícil de você, se entrar, porque as vezes até a família mesmo num... tá tudo bem, sabe? É um... eles foram embora do... do bairro, a gente num sabe como estão, mas é o... que eu me lembre nessa situação é ele. (Luh Moura, 2022).

Como a entrevistada destaca, uma das principais dificuldades que os voluntários da Casa Aliança têm quando enfrentam situações como essa é em relação à família que está alheia à realidade da criança e em muitos casos entende aquilo como “normal” e que não há necessidade de agir em relação a isso.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente “toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes” (ECA, Art. 19). Para tanto, a Casa Aliança busca assegurar esses direitos aos infantojuvenis de viverem em um ambiente livre das drogas e maus-tratos ao denunciar casos semelhantes ao supracitado anteriormente e oferecer uma rede de apoio a essas crianças e adolescentes através das atividades ministradas pelos voluntários da instituição.

Apesar das situações difíceis que precisam ser lidadas da melhor maneira possível, Luh Moura destaca que gosta muito de lembrar dos momentos felizes e que trouxeram esperança para as crianças e adolescentes que frequentam a instituição.

Aí um dos meus alunos, que foram momentos... teve os tristes e tem os felizes, né? Aí teve um aluno meu, o Ícaro, que é um monte de irmão, ele. Um monte de irmão. Todo mundo na Casa Aliança. Aí o sonho... ele é era o menorzin, o sonho dele era ter um aniversário. Passou o ano todin: “– Tia, meu sonho é ter um aniversário, meu sonho é ter um aniversário!” E eu : “– Que dia é teu aniversário?” “– Eu num sei!” “– Meu amor cê tem que dizer, que dia é seu aniversário!” Aí, uma semana antes ele disse: “– Meu aniversário é tal dia”. Aí a gente tava ensaiando pra peça do Natal. E nisso ele se sentia, porque ele era o menorzin do irmãos, digamos que era o mais esquecido, né? Aí, o que... Ah, ele era João Batista. Ah, ele se achava que era o João Batista dessa peça. Porque ele tava tendo o dis... o destaque que ele não tinha na casa dele. E isso é, é muito bonito de você ver. Aí a gente montou um aniversário, pra ele. Bem simples, né? No ensaio da peça. Oh, mas ele ficou tão feliz, com aquilo ali. Então, são momentos gratificantes, que a gente lembra, né, de... de... de poder fazer. Muita coisa, de levar eles pros lugares. A gente foi apresentar, naquela praça ali do museu, aí num tem o palco lá? Ah, eles tavam se achando apresentando essa peça de natal, parecia uns “ator global”. E o, aí o pessoal que vinha e que via, e queria tirar foto com eles e eles tavam se achando, tirando essa foto. Então, são, são crianças que elas são apagadas. São crianças que, que pra o resto da cidade, não existem. Ou são crianças já são marginalizadas, porque moram no bairro Parque de Exposição. E aí, a gente poder ensinar algo, que as pessoas vejam além das paredes do... do Parque de Exposição, é muito bonito! São momentos gratificantes. Eu prefiro... eu gosto mais de lembrar desses do que... dos difícil. (Luh Moura, 2022).

A partir dos relatos orais podemos perceber o que Pierre Nora (1993) chama de *lugares de memória*, pois eles “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13). Com isso, a memória é formada por lembranças daquilo que não existe mais, e por isso tentamos rememorar os fatos a partir dos relatos orais. Nessa perspectiva, é importante esclarecer que a memória não é o mesmo que o passado, mas algo que nos remete ao passado. Portanto, devemos ter uma postura crítica sobre a memória. Pois ela consiste no vivido, no acontecimento, na nossa percepção, desse contato com o vivido, na memória que se manifesta de forma dispersa.

Diante disso, a entrevistada Luh Moura narra em seu relato oral as lembranças de suas experiências enquanto voluntária da instituição filantrópica. Como supracitado pela narradora, é na Casa Aliança que muitas dessas crianças com famílias desestruturadas, que vivem na linha da pobreza ou da extrema pobreza, encontram apoio para realizarem sonhos simples, como o anseio em ter um aniversário, mas que estão aquém da realidade socioeconômica em que se encontram, pois ela relata que “às vezes, o lanche que eles lancham lá, é a única refeição que eles têm no dia”. (Luh Moura, 2022). Além disso, a Casa Aliança proporciona às crianças e adolescentes que frequentam a instituição a possibilidade de ter uma mudança socioeconômica

ao oferecer estudo, apoio e conhecimentos culturais nas mais diversas áreas. A esse respeito o entrevistado Pedro ressalta que:

A Casa Aliança me ajudou a melhorar as condições de vida é... me ajudando a focar na educação e procurar boas oportunidades profissionais. Por volta dos meus quinze, dezesseis anos, consegui vaga de emprego de meio período como jovem aprendiz e muitos dos jovens... dos meus amigos que eu conheço que também participaram da Casa Aliança, também conseguiram vagas de jovem aprendiz tanto porque as empresas buscavam na Casa Aliança referências e indicações de jovens para preencher as suas vagas, como também as atribuições que a Casa Aliança te dar, dá um “up” no teu currículo e isso acabava gerando o interesse das empresas pra... pra preencher as vagas disponíveis. (Pedro, 2022).

Como o ex-beneficiário e ex-voluntário Pedro relata, a Casa Aliança busca auxiliar profissionalmente os infantojuvenis ainda quando estão no projeto. Uma das maneiras é qualificando os adolescentes através das atividades socioculturais e educativas para adentrarem no mercado de trabalho. Muitas empresas procuram locais como a entidade filantrópica para que o projeto indique adolescentes para preencherem as vagas dos programas Adolescente Aprendiz e Jovem Aprendiz. A parceria com o SENAC também fomenta esse tipo de ação, já que a empresa conta com o programa de aprendizagem profissional. Outros exemplos da influência da instituição na carreira profissional dos beneficiários são enfatizados por Anderson James em sua fala:

Hoje eu faço... é... eu trabalho na área financeiramente administrativa e, assim, graças ao projeto porque na época meus pais... a gente é de família humilde... meus pais não tinha computador, eu num tinha acesso e lá no projeto Casa Aliança eu aprendi tudo isso, né e graças a esse projeto. Até hoje eu agradeço demais, porque, com profissionalmente, eu me encaixei, tô até hoje através desse que foi lá, onde eu aprendi informática, o básico do Excel, Word, entre outros. [...] A Casa Aliança, ela... a gente tem lá também atividade reforço que ensina crianças desde do início matemática, histórias e teve... teve dois exemplos de alunos que iniciaram lá de crianças e hoje se tornaram, graças a Deus, profissionalmente na área militar. Eles passaram no concurso, os dois são sargentos, né, e a Casa Aliança é muito importante referente a isso por quê?! Porque lá as crianças começa a desenvolver, aprender, né?! E assim é um projeto que faz muita diferença, porque se não tivesse essas atividades como leitura, o violão ou até mesmo a dança, o teatro, a maioria dessas crianças estariam aí expostas, sem ter essa educação. (Anderson James, 2022).

Como supracitado, as atividades desenvolvidas na Casa Aliança auxiliaram na carreira dos entrevistados, dado que foi através das aulas de informática que Anderson James teve o primeiro contato com um computador e hoje pode trabalhar na área administrativa, com base naquilo que aprendeu na entidade filantrópica. Do mesmo modo, foi através do teatro que Luh

Moura se desenvolveu profissionalmente na área – assim como o narrador Pedro – de modo que posteriormente deu aulas de teatro na instituição e pôde fazer trabalhos profissionais como atriz.

Diante disso, alguns entrevistados trouxeram exemplos de amigos que também mudaram de vida e ascenderam profissionalmente em decorrência da participação deles na Casa Aliança, como o caso citado por Anderson James de dois ex-alunos que se tornaram sargentos na área militar. Com isso, Luh Moura também exemplifica em sua fala que há algumas “crianças que aprenderam violão na Casa Aliança e hoje são cantores profissionais que cantam na cidade” de Picos-PI, como no caso de seu amigo Hericles Silva Nunes (Luh Moura, 2022). Ademais, a entrevistada Isabel Santos salienta:

Óh, assim, é... a minha base, da Casa Aliança e dos meus colegas, foi muito boa, assim, porque, como eu te falei, tinha essas questões de atividades que ajudaram no nosso desenvolvimento, né? É... por exemplo a questão da leitura, né? A gente criou o hábito da leitura, a gente criou o hábito de estudar, de ter gosto pelo estudo, de... de poder, tentar e sonhar ser alguma coisa diante do que a gente vivia, dentro da... do... do bairro onde a gente estava, né? Então assim, eu tive muitos relatos de muitos amigos meus no... no meu período que cresceram, que são, por causa da Casa Aliança, desse empurrão que a Casa Aliança deu de início, digamos assim. Que deu aquele ápice pra você poder crescer. E, é isso. Eu tenho muitos amigos que são formados hoje, que, com certeza a Casa Aliança fez boa parte dessa... dessa formação. (Isabel Santos, 2022).

Em seu relato oral, Isabel Santos destaca que a leitura – assim como a escrita – são atividades oferecidas pela Casa Aliança e evidencia também que “[...] essa questão da leitura... Desenvolveu boa parte do que eu sou hoje, tanto na questão profissional quanto na questão pessoal”. (Isabel Santos, 2022).

No âmbito da Casa Aliança, a leitura e a escrita são práticas cotidianas porque estão constantemente presentes por meio das aulas de reforço escolar e oficinas de leitura. Michel de Certeau (2014) aponta em seu estudo que a sociedade em que vivemos preza muito pela viagem do olhar que se dá por meio da cultura do entretenimento presente na televisão, no jornal, nas publicidades, epifanias mercadológicas e não se costuma gastar tempo com isso.

Contudo, ao ensinarem e cultivarem nos alunos da Casa Aliança o prazer pela leitura e escrita, os voluntários fazem ressignificações desses pressupostos culturalmente impostos, subvertendo as práticas ordinárias e se reapropriando dessas atividades de maneira lúdica e prazerosa, formando hábitos satisfatórios que auxiliam não apenas nessas atividades de maneira isolada como também na vida acadêmica, profissional e social ao adquirirem um maior vocabulário para conversarem, por exemplo.

Para a narradora Isabel Santos, a Casa Aliança teve um papel fundamental não somente na sua vida como na vida de seus amigos, pois forneceu os subsídios necessários para se desenvolverem acadêmica e profissionalmente. Com base nos dados morfológicos dos entrevistados e através dos relatos orais, pudemos compreender que a entidade filantrópica influenciou não somente na carreira como na melhoria social e econômica dos integrantes entrevistados que passaram pelo projeto. Esse fato pode ser observado na tabela a seguir, com a trajetória pessoal/profissional de alguns egressos da Casa Aliança.

Tabela 2 – Lista dos egressos da Casa Aliança e situação atual.

	Beneficiário (a)	Período na Casa Aliança	Atividades realizadas	Desenvolvimento pessoal/profissional oriundo da Casa Aliança
01	Anderson James de Moura Leal	De 2006 a 2011 como beneficiário; De 2012 a 2014 e 2019 a 2023 como voluntário.	Beneficiário: Reforço, artesanato, computação, violão e esporte. Possuía mais afinidade com as atividades ligadas ao violão e esporte. Voluntário: Já foi professor de violão e hoje dá aulas na área de esportes.	Graduando em Bacharelado em Administração pela UAPI; É Assistente Administrativo na empresa Prodígio Empreendimentos; Atualmente é voluntário da Casa Aliança.
02	Antônio Henrique Bonfim da Silva	De 2006 a 2011 como beneficiário; De 2012 a 2014 como voluntário.	Beneficiário: Leitura, computação, violão, artesanato, teatro, dança, vôlei, futsal, e culinária. Voluntário: computação e vôlei.	Atualmente é Militar, formado na Escola de Sargentos das Armas (ESA), e graduando em Gestão Financeira, pela Faculdade Anhanguera.
03	Bianca de Sousa Carvalho	De 2013 a 2016 como beneficiária; De 2016 a 2017 como voluntária.	Beneficiária: Leitura, computação, artesanato. Voluntária: reforço escolar e leitura.	Atualmente está cursando Serviço Social e trabalha como assistente administrativo/fiscal.
04	Breno Gomes Da Luz	De 2006 a 2009 como beneficiário; De 2010 a 2013 como voluntário.	Beneficiário: Leitura, reforço escolar, computação, artesanato, teatro, dança, vôlei e futsal Voluntário: reforço escolar, computação e teatro.	Atualmente trabalha como jornalista e, é acadêmico de Direito na UESPI.

05	Dyana de Sousa Alves	A ex-aluna não soube informar o período em que foi aluna da Casa Aliança. De 2021 a 2023 como voluntária.	Beneficiária: Culinária, computação e artesanato. Voluntária: Auxilia de modo geral nas atividades.	Atualmente faz o curso técnico em enfermagem no SENAC.
06	Elizani Ferreira de Sousa	De 2004 a 2006 como beneficiária; De 2017 a 2023 como voluntária.	Beneficiária: Violão, computação, dança, bordado, reforço escolar e leitura. Voluntária: aulas de reforço, flauta doce e artesanato.	Atualmente está cursando massoterapia e técnico em enfermagem.
07	Erislândia Araújo	Foi aluna no início do projeto em 2003, porém ela não soube informar o ano em que saiu da instituição.	Beneficiária: bordado, computação, vôlei, entre outras. Voluntária: Computação e bordado.	Atualmente mora no Rio de Janeiro, é concursada (municipal) e trabalha na Clínica da Família na cidade do Rio de Janeiro e em outras do estado. Além disso, fez em 2013 o curso técnico em saúde bucal no CEPROS em Picos-PI e está concluindo o curso técnico em radiologia médica.
08	Hericles Silva Nunes	De 2009 a 2016 como beneficiário e voluntário concomitantemente.	Beneficiário: Teatro, violão e computação; Voluntário: Violão.	Atualmente é músico e trabalha também ministrando aulas particulares.
09	Luana da Conceição Moura	De 2005 a 2016 como beneficiária; De 2016 a 2020 como voluntária.	Beneficiária: Participou das atividades de dança e teatro e tinha preferência pelo teatro. Voluntária: Foi professora de teatro.	Graduada em administração pela UFPI-CSHNB (Curso Trancado); É subgerente de supermercado.
10	Lyandra Kayane Campos	De 2010 a 2019 como beneficiária.	Beneficiária: Teatro, dança, futsal, computação, culinária, vôlei, leitura, bordado e entre outros.	Possui Ensino Médio completo e atualmente é consultora de vendas.
11	Maria das Mercês de Sousa Silva	De 2009 a 2012 como beneficiária.	Beneficiária: Participou da informática, dança, teatro, bordado, entre outras.	Formada em Serviço Social e é empresária (administra uma loja de personalizados).
12	Maria Isabel dos Santos Sousa	De 2003 a 2009 como beneficiária;	Beneficiária: participou do teatro, violão, leitura, computação, futsal feminino, vôlei, culinária,	Graduada em Administração pela UFPI; Recepcionista em empresa privada;

		De 2013 a 2019 como voluntária.	etc. Não participou da dança porque não gostava de dançar e as atividades que tinha mais afinidade era teatro e violão. Voluntária: Foi professora do teatro, violão, ajudou na construção dos boletins informativos.	Madrinha da Casa Aliança.
13	Pedro	O entrevistado não deixou claro essas informações no ato da entrevista. Os dados foram solicitados posteriormente, mas não obtivemos retorno.	Beneficiário: participou da leitura, artesanato, teatro, informática. Tinha preferência pelas atividades de teatro. Voluntário: Foi professor do teatro e auxiliou no reforço escolar com a disciplina de inglês.	Possui Ensino Médio Completo; É Ator.

Fonte: Dados fornecidos pelos ex-beneficiários da Casa Aliança.

Através dos dados apresentados na tabela, podemos notar que os ex-beneficiários da Casa Aliança têm logrado êxito em suas carreiras acadêmicas e profissionais e, ainda que muitos residam no bairro Parque de Exposição eles têm conseguido se livrar ou burlar o estigma de pobreza e violência que assola a localidade. Conforme relatos deles, a instituição filantrópica teve grande contribuição nesse processo. Constatamos que, em grande medida, isso é fruto das *táticas* empregadas pelos voluntários da Casa Aliança, pois através das diversas atividades e oficinas realizadas conseguiram fortificar ao máximo a posição dos alunos que eram socioeconomicamente mais frágeis para que pudessem ocupar locais que antes não lhes era possível como universidades, empresas, dentre outros, devido a subalternidade e aos estigmas.

Segundo os arquivos de matrícula dos alunos presentes na instituição filantrópica e conforme o relato oral da coordenadora Marilene, a Casa Aliança já atendeu mais de duas mil pessoas ao longo de sua atuação. Contudo, no transcorrer de sua fala ela deixa claro que a Casa Aliança transformou não apenas a vida dos beneficiários, mas também a sua própria vida ao longo dessa trajetória de voluntariado.

Então, assim... Pra mim mudou tudo, né, minha história porque talvez eu não tivesse entrado nesse caminho da Aliança, talvez eu tivesse ido pra outros caminhos. Então a Casa Aliança ela... Ela me deu oportunidade. Eu, aqui eu pude conhecer muitas pessoas, pude conhecer outras culturas, é... também fui incentivada a continuar nos meus estudos, a estudar né, formei minha família, e é por isso que eu tô aqui até hoje né?! Mudou meu destino. (Marilene, 2022).

Como a narradora destaca, foi através da Casa Aliança que a coordenadora Marilene pôde dar continuidade aos estudos, formando-se em Pedagogia, levando-a a estar apta para atuar como orientadora social e coordenadora da instituição.

Nessa conjuntura, tanto a Casa Aliança como o público infantojuvenil atendido enfrentam muitas dificuldades no transcorrer da realização de suas atividades, devido à estigmatização do bairro, pobreza, descaso familiar e a própria problemática de drogas enfrentada neste local. Contudo, ainda assim os voluntários que por ela passam ensinam várias atividades para os infantojuvenis, de modo que conseguem – como aponta Michel de Certeau (2014) – se utilizar de *táticas* para subverter a ordem social vigente, burlando aquilo que está posto, determinado e que seria esperado no cotidiano de pessoas comuns e socialmente vulneráveis. Mas o que seria o cotidiano?

[...] o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível [...] (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2009, p. 31).

Como aponta Certeau (2009), o cotidiano não é constituído apenas de regularidades e aquilo que é esperado de cada indivíduo, mas é composto também através das rupturas, continuidades e na maneira em que cada pessoa age no micro através de suas práticas. Assim, notamos os voluntários da Casa Aliança tem se comportado como o “sujeito ordinário” identificado por Michel de Certeau que se apropria e reinventa o cotidiano, conferindo-lhe outros significados, adquirindo novos conhecimentos e agindo de outras maneiras nas microesferas da vida ao proporcionar possibilidades de ascensão econômica e social aos beneficiários que participam das atividades da instituição filantrópica, se libertando de tudo que lhes aprisionava anteriormente como, por exemplo, a possibilidade de envolvimento com drogas, a pobreza e os estigmas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Casa Aliança é uma instituição filantrópica, registrada junto à Associação de Desenvolvimento Comunitário Construindo Alianças, e se caracteriza como uma instituição sem fins lucrativos, criada por missionários italianos com fins catequéticos e assistencialistas para atender prioritariamente a população do bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI. O público alvo desta instituição, inicialmente, são pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica e, posteriormente, a população de outros bairros que possuam ou não boas condições financeiras. Além disso, ela não possui vínculos com o governo e conta com o auxílio dos familiares dos beneficiários, voluntários, apadrinhamento e parcerias para atuar por meio de atividades socioculturais e educativas.

Apesar das diversas problemáticas pontuadas ao longo do trabalho – como a pobreza, vulnerabilidade social, drogas, estigmas, dentre outros –, a Casa Aliança consegue se manter e realizar as atividades com as crianças, adolescentes e suas famílias de modo que muitos conseguem adquirir na instituição os subsídios necessários para adentrarem em universidades, faculdades, passarem em concursos, conseguirem trabalho por meio de contratos, trabalhar de modo autônomo, dentre outros.

Averiguamos ainda que os relatos orais fornecidos pelos entrevistados eram em sua maioria homogêneos, insistindo em evidenciar os pontos fortes da Casa Aliança, mesmo tendo sido questionados sobre as fragilidades e os problemas enfrentados em relação às famílias, ao bairro, às crianças, aos voluntários, dentre outros. Salientamos que o mesmo discurso enaltecido se encontra presente nos aportes bibliográficos supracitados na introdução deste trabalho, onde Oliveira *et al* (2017) e Nascimento *et al* (2017) discorrem, respectivamente, sobre as motivações dos voluntários da Casa Aliança a partir da ótica deles e os impactos sociais promovidos pela instituição.

Nessa conjuntura, ressaltamos que os relatos orais presentes nesses trabalhos também não apresentam nenhuma fragilidade do projeto social. Como em todo local há problemas, entendemos que a construção de um discurso uniforme sobre a Casa Aliança possivelmente se dá em virtude do receio dos voluntários e ex-beneficiários do projeto em demonstrar as fraquezas da instituição filantrópica e perder possíveis patrocinadores. Durante o ato das entrevistas foi nos dado a conhecer casos de pessoas que tinham críticas a fazer no tocante à organização do projeto. Contudo, eles se recusaram a dar entrevista e não nos relataram os motivos.

Diante do exposto, analisamos as *táticas* empregadas pelos voluntários da Casa Aliança no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI, nos anos de 1999 a 2019 e a sua utilização como forma de resistência e desconstrução dos discursos estigmatizantes de pobreza e violência envolvendo a referida comunidade desde a sua formação, uma vez que através das atividades e oficinas realizadas pelos voluntários da instituição filantrópica os ex-beneficiários têm conseguido transgredir aquilo que lhes parecia ser um futuro predeterminado pela subalternidade e pelos estigmas.

Ademais, ressaltamos a relevância acadêmica desse estudo, uma vez que trabalhos que analisam as contribuições de instituições filantrópicas tendem a ampliar as pesquisas sobre o tema. No caso específico desta pesquisa, o estudo é relevante para a cidade de Picos, em particular para os beneficiários da Casa Aliança, porque proporciona um maior conhecimento da história local do bairro Parque de Exposição, conferindo uma maior visibilidade ao projeto, o que é muito importante para aquisição de voluntários, parcerias e patrocinadores para auxiliar em sua manutenção.

REFERÊNCIAS

2016_ APROVAÇÃO projeto Criança esperança. [S.l.:s.n].2020. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Casa Aliança. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RjGTXvbFjHM>. Acesso em: 01 out. 2022.

ABRAMOVAY, Miriam; *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESC, BID, 2002.

ANDERSON JAMES. (Anderson James de Moura Leal). **Depoimento concedido a Débora de Brito Freire**. Picos, 10 ago. 2022. 1 arquivo de áudio, 00h21min.30 seg.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

ASSOCIAÇÃO de Desenvolvimento Comunitário Construindo Alianças. **Rede Globo**, 2017. Disponível em: <https://especial2.redeglobo.globo.com/crianca-esperanca/538/detalhes>. Acesso em: 07 fev. 2023.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. – 9 ed. – Campinas, SP: Papiurus, 2012.

BEZERRA, Roger. Falta de Infraestrutura do ‘Parque de Exposição’ revolta moradores. **Portal Riachonet**, 27 jun. 2018. Disponível em: <https://www.riachaonet.com.br/portal/falta-de-infraestrutura-do-parque-de-exposicao-revolta-moradores/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BEZERRA, Roger. Lama e mato invadem ruas do bairro Parque de Exposição. **Portal Riachonet**, 1 set. 2015. Disponível em: <https://www.riachaonet.com.br/portal/lama-e-mato-invade-ruas-do-bairro-parque-de-exposicao/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, **Apologia da história**, ou, O ofício de historiador. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

BRASIL. [(Constituição de 1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República. [2022]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 23 fev. 2023.

BRASIL, IBGE. **Panorama**: Brasil/Piauí/Picos. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/picos/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

BRASIL, Lei nº 8.742. **Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS)**. Brasília: DF, 7 de dezembro de 1993.

BUCLET, Benjamin; LEROY, Jean-Pierre. Entre movimento social e “terceiro setor”. As ONGs à busca de sua identidade. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Série Antropologia, Belém, v. 18, n. 2, p. 183-208, 2002.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BURKE, Peter. **História como memória social.** Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANÇADO, Taynara Candida Lopes; *et al.* **Trabalhando o conceito de vulnerabilidade social.** Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em São Pedro/SP – Brasil, de 24 a 28 de novembro de 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007.

CASA Aliança. Disponível em: <https://casaalianca.org.br/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

CASA ALIANÇA. **Antes de ser Casa Aliança, a gente já usava o muro com as mães e comunidade, na confecção de sabão.** Picos-PI, 03 nov. 2018. Facebook: @CasaAliancadePicos. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=965965566932105&set=pb.100072031757720.-2207520000>. Acesso em: 18 set. 2022.

CASA ALIANÇA. **As tias.** Picos-PI, 03 nov. 2018. Facebook: @CasaAliancadePicos. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=965965746932087&set=pb.100072031757720.-2207520000>. 18 set. 2022.

CASA ALIANÇA. **Aula de informática tínhamos somente dois computadores.** Picos-PI, 3 nov. 2018. Facebook: @CasaAliancadePicos. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=965965780265417&set=pb.100072031757720.-2207520000>. Acesso em: 18 set. 2022.

CASA ALIANÇA. **Casa Aliança.** Picos-PI, 19 ago. 2019. Facebook: @CasaAliancadePicos. Disponível em: <https://www.facebook.com/casaaliancapi/photos/pb.100072031757720.-2207520000./1157650574430269/?type=3>. Acesso em: 18 set. 2022.

CASA ALIANÇA. **Casa Aliança.** Picos-PI, 19 ago. 2019. Facebook: @CasaAliancadePicos. Disponível em: <https://www.facebook.com/casaaliancapi/photos/pb.100072031757720.-2207520000./964347000427295/?type=3>. Acesso em: 18 set. 2022.

CASA ALIANÇA. **Casa Aliança.** Picos-PI, 19 ago. 2019. Facebook: @CasaAliancadePicos. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=932433350285327&set=pb.100072031757720.-2207520000>. Acesso em: 18 set. 2022.

CASA ALIANÇA. **Casa Aliança.** Picos-PI, 22 jul. 2021. Facebook: @CasaAliancadePicos. Disponível em: <https://www.facebook.com/casaaliancapi/photos/pb.100072031757720.-2207520000./1751569271705060/?type=3>. Acesso em: 18 set. 2022.

CASA ALIANÇA. **Casa Aliança**. Picos-PI, 15 abr. 2020. Facebook: @CasaAliancadePicos. Disponível em: <https://www.facebook.com/casaaliancapi/photos/pb.100072031757720.-2207520000./1751569271705060/?type=3>. Acesso em: 18 set. 2022.

CASA ALIANÇA. **Início do Projeto**. Picos-PI, 03 nov. 2018. Facebook: @CasaAliancadePicos. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=965957453599583&set=pb.100072031757720.-2207520000>. Acesso em: 18 set. 2022.

CASA ALIANÇA. **Nossa Casa Aliança**. Picos-PI, 03 nov. 2018. Facebook: @CasaAliancadePicos. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=965965496932112&set=pb.100072031757720.-2207520000>. Acesso em: 18 set. 2022.

CASA ALIANÇA. **Primeiro turma a usar a sede da Casa Aliança, O artesanato Aliança**. Picos-PI, 3 nov. 2018. Facebook: @CasaAliancadePicos. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=965965643598764&set=pb.100072031757720.-2207520000>. Acesso em: 18 set. 2022.

CASTRO, Renata Saavedra Nabuco de. **ONG's e transformação social: o caso da Redes de Desenvolvimento da Maré**. Rio de Janeiro, 2012, 114p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar e cozinhar**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. Estratégias e táticas. In: **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 151-161.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

COUTINHO, Joana. **Desmistificando o “terceiro setor”**. Lutas Sociais, n. 9/10, p. 183-185, 2003.

DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

DE SOUSA, Evandro Alberto; DOS ANJOS, Hosana Tenório; DE CARVALHO BERTI, Orlando Maurício. A Comunicação nos movimentos sociais: um estudo sobre a Casa Aliança, no Sertão piauiense. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 37, 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [ISSN 2175-4683]**. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0093-1.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2022.

DE SOUSA FERNANDES, Karla Jéssik Silva. *et al.* Relato de experiência: vivências de extensão na comunidade. **Revista Ciência em Extensão**, v. 12, n. 1, p. 97-104, 2016.

DOCUMENTÁRIO - História e atividades desenvolvidas pelo Projeto Casa Aliança, sediado em Picos -PI. [S.l.:s.n].2018. 1 vídeo (19 min). Publicado pelo canal Casa Aliança. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sqykpDrkAIs&t=13s>. Acesso em: 18 set. 2022.

FAMINTO é alvo de Mão Santa no PI. Senado. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/noticias/opiniaopublica/inc/senamidia/historico/1998/10/zn102237.htm>. Acesso em: 22 mar. 2023.

FERNANDES, Rosa Maria Castilhos; *et al.* **Dicionário crítico:** política de assistência social no Brasil. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2016.

FEROLLA, Livia de Campos. **Instituto Reciclar:** o jovem estigmatizado e sua entrada no mundo normativo. 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/18916>. Acesso em: 03 mar. 2022.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral:** possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas; FFLCH; USP: imprensa Oficial do Estado, 2002.

GEISA VITÓRIA BRITO OLÍMPIO. (Geisa Vitória Brito Olímpio). **Depoimento concedido a Débora de Brito Freire.** Picos, 17 set. 2022. 1 arquivo de áudio, 00h06min.26 seg.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 5, n. 1, p. 11-40, 2000.

HOMEM baleado na cabeça no bairro Parque de Exposição vem a óbito. **Jornal cidade Verde**, 24 jun. 2022. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/371092/homem-baleado-na-cabeca-no-bairro-parque-de-exposicao-vem-a-obito>. Acesso em: 27 fev. 2023.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1. Acesso em: 23 fev. 2023.

IBGE, 2023. IBGE. **Sidra:** Banco de Tabelas Estatísticas. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/acervo#/S/Q>. Acesso em: 06 fev. 2023.

ISABEL SANTOS. (Isabel dos Santos Sousa). **Depoimento concedido a Débora de Brito Freire.** Picos, 29 jul. 2022. 1 arquivo de áudio, 00h24min.42 seg.

KOSSOY, Boris. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 25, nº 49, p. 35-42 – 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a03v2549.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

LUH MOURA. (Luana da Conceição Moura). **Depoimento concedido a Débora de Brito Freire**. Picos, 11 ago. 2022. 1 arquivo de áudio, 00h33min.09seg.

MARILENE. (Marilene de Sousa Albuquerque). **Depoimento concedido a Débora de Brito Freire**. Picos, 27 jul. 2022. 1 arquivo de áudio, 00h33min.55seg.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p.76-98. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

“MEU lugar é aqui” diz Zé Neri sobre filiação ao PT. **Jornal cidade verde**, 23 maio 2022. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/368837/meu-lugar-e-aqui-diz-ze-neri-sobre-filiacao-ao-pt>. Acesso em: 22 mar. 2023.

MONISE, Paula. Seis anos após inauguração, Praça no bairro Parque de Exposição está sucateada. **Jornal Cidade Verde**. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/373906/seis-anos-apos-inauguracao-praca-no-bairro-parque-de-exposicao-esta-sucateada>. Acesso em: 27 fev. 2023.

MOURA, Mariana Floracir de. **Marginalidade construída**: a formação e estigmatização do bairro Parque de Exposição na cidade de Picos de 1980 a 2010. Picos-PI: UFPI, 2016. (Monografia do curso de História da Universidade Federal do Piauí / Campus Senador Helvídio Nunes de Barros).

NASCIMENTO, Amanda Paula do; *et al.* **Análise da atuação das ONGs**: impactos e transformações sociais promovido pela atuação da Casa Aliança. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2017.

NICHIATA, Lucia Yasuko Izumi; *et al.* A utilização do conceito “vulnerabilidade” pela enfermagem. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 5, p. 923-928, out. 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Proj. História. São Paulo, (10), dez. 1993.

OLIVEIRA, Fransuelton Henrique de; *et al.* **Análise das motivações dos voluntários das organizações não governamentais**: Casa Aliança a partir da ótica dos próprios voluntários. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

OLIVEIRA, Miguel Darcy de. **Cidadania e globalização**: a política externa brasileira e as ONGs. Brasília: Instituto Rio branco/ Fundação Alexandro Gusmão/ Centro de Estudos Estratégicos, 1999.

ONG Casa Aliança Picos-PI | 18 anos. [S.l.:s.n].2021. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Chiara de Sousa Albuquerque. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Etmq53ksnHM>. Acesso em: 10 jan. 2023.

QUAL a cara do seu bairro? Conheça a história e problemas no Parque de Exposição. **Portal Riachonet**. Disponível em: <https://www.portaldepicos.com.br/portal/qual-a-cara-do-seu-bairro-conheca-a-historia-e-problemas-no-parque-de-exposicao/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

PEDRO. **Depoimento concedido a Débora de Brito Freire**. Picos, 02 ago. 2022. 24 arquivos de áudio, 00h14min.04 seg.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 11-23, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PICOS se tornou um dos maiores produtores de mel do Brasil. **TV Clube, G1 Piauí**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/video/picos-se-tornou-um-dos-maiores-produtores-de-mel-do-brasil-8475303.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2023.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PROJETO Casa Aliança muda vidas com atividades recreativas em Picos. **Rede Clube**, 07 ago. 2017. Disponível em: <https://redeglobal.globo.com/pi/redeclub/noticia/projeto-casa-alianca-muda-vidas-com-atividades-recreativas-em-picos.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2022.

RAQUEL, Rolnik. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RODRIGUES, Maria Cecília Prates. Demandas sociais versus crise de financiamento: o papel do terceiro setor no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n.5, p. 25-67, set./out. 1998.

ROMÃO, José Eustáquio. Movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Educação & Linguagem**, v. 13, n. 21, p. 18-34, 2010.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **História, memória e identidade na cidade de Timon na década de 1980**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Piauí, 2007.

SILVA, Mateus. Picos | Igreja católica do bairro Parque de Exposição é alvo de arrombamento. **Cidades na Net**, 8 set. 2022. Disponível em: <https://cidadesnanet.com/news/policia/picos-igreja-catolica-do-bairro-parque-de-exposicao-e-alvo-de-arrombamento/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

URUÇUÍ supera Picos e é agora o 3º maior PIB municipal do Piauí. **Portal AZ**. Disponível em: <https://abre.ai/fX95>. Acesso em: 14 mar. 2023.

VILLALOBOS, Jorge Guerra. **Organizações não-governamentais: um passo para frente e dois para trás**. Maringá: UEM, 2001.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, **DÉBORA DE BRITO FREIRE**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **ENTRE ESTIGMAS E RESISTÊNCIAS: Uma análise das táticas empregadas pelos voluntários da Casa Aliança, situada no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos-PI (1999-2019)** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 06 de abril de 2023.

Débora de Brito Freire
Assinatura

Débora de Brito Freire
Assinatura